

TRABALHO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

BRASÍLIA 1979

JULIO CEZAR MELATTI

Pede-se não citar trecho deste
trabalho sem fazer referência a
seu caráter provisório.

SÉRIE ANTROPOLÓGICA Nº 24

(24)

Á PROCURA DE UMA CLASSIFICAÇÃO
DOS PERSONAGENS MÍSTICO-RITUAIS
TIMBIRAS

JÚLIO CEZAR MELATTI

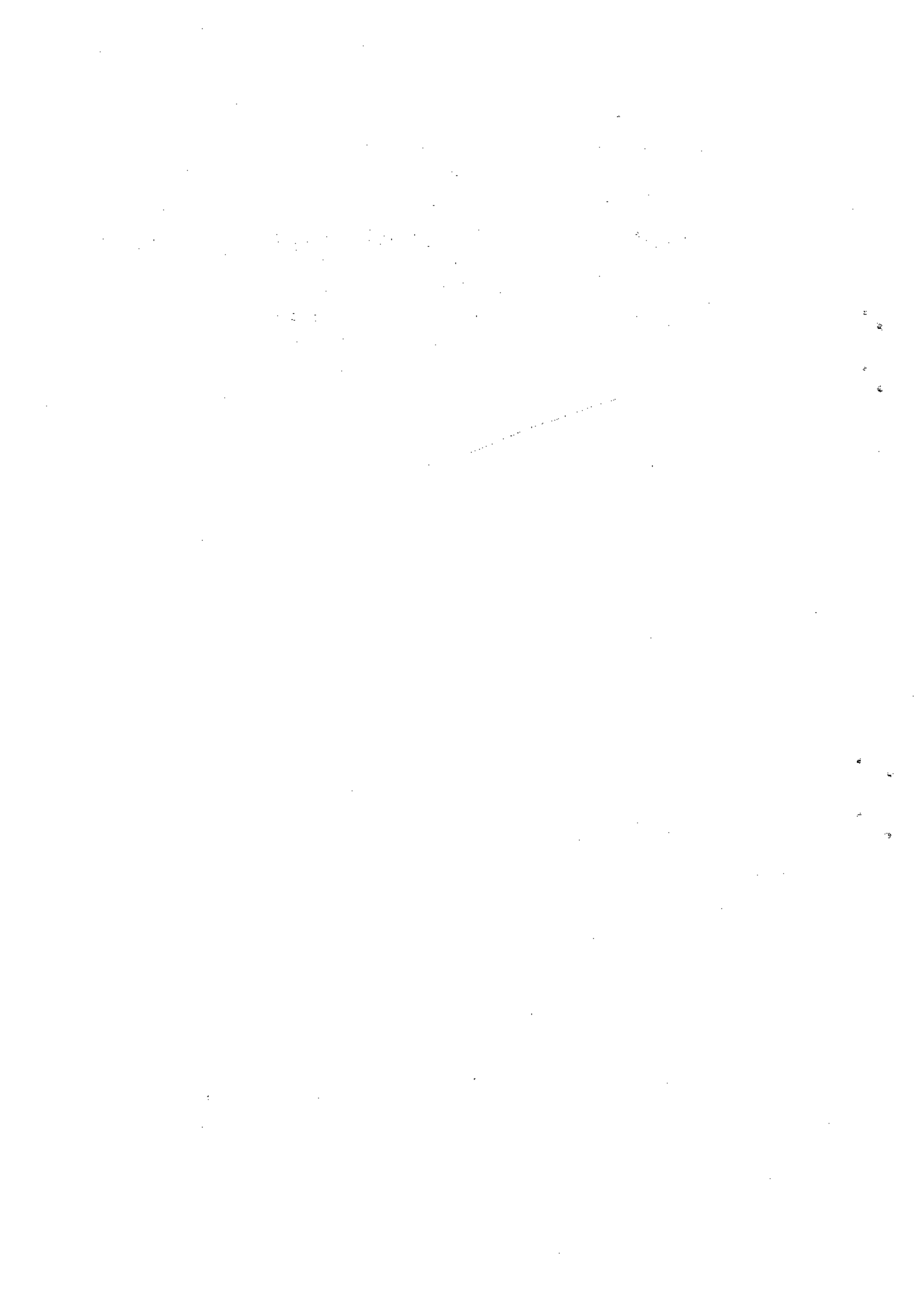


As anotações que seguem devem ser tomadas como um rascunho, incompleto e sujeito a reformulação, em que tento estender a outras tribos Timbiras (*) certas conexões entre personagens mítico-rituais a que chequei em meu último livro (MELATTI, 1978), sobre os Craós. Por isso, o leitor que achar este trabalho muito esquemático ou pouco inteligível talvez deva começar pela leitura do referido livro, principalmente do Capítulo V. De certa forma, a divulgação deste rascunho constitui um convite àqueles que trabalham em pesquisa com grupos Jê para que retomemos o estudo comparativo dos mesmos, agora no que se refere aos ritos.

Atualmente existem as seguintes tribos Timbiras: os Ramkokamekhrá (Canelas), os Apaniekhrá (também conhecidos como Canelas), os Krinkatí, os Pukobyê, no Maranhão; os Parkatoyê (Gaviões), no Pará; os Craós e os Apinajés, em Goiás. As outras se extinguíram ou seus membros se dispersaram, em parte se abrindo nas aldeias das acima citadas. Os Krinkatí e os Pukobyê parecem considerar-se como uma única unidade para certos propósitos, mas como tribos distintas para outros (LAVE, 1967, n. 36). Todas essas tribos falam dialetos, mutuamente inteligíveis, de uma mesma língua, a Timbira, que pertence à família Jê.

Um dos aspectos mais notáveis da organização das tribos Timbiras são as várias maneiras de se subdividirem em grupos para as atividades rituais. Em meu já citado livro, *Ritos de uma tribo Timbira* (MELATTI, 1978), tive a oportunidade de examinar os vários grupos e subgrupos rituais dos Craós. Uma das coisas que mais me surpreenderam na redação do livro foi

(*) Os nomes de tribos, bem como as palavras indígenas, estão grafados segundo a transcrição lata que propus em "Como escrever as palavras indígenas?", a ser publicado no n.º 16 de *Revista de Atualidade Indígena* (Brasília: FUNAI, 1978). De acordo com o que proponho em tal artigo, a portuguêsese os nomes "Timbiras", "Craós" e "Apinajés", uma vez que podem ser considerados como incorporados ao português (cf. *Os Timbiras*, de Gonçalves Dias; "Creolândia" e "Apinajés", pequenas localidades do norte de Goiás). Os nomes pertencentes a outros dialetos Timbiras são grafados aqui como os Craós.

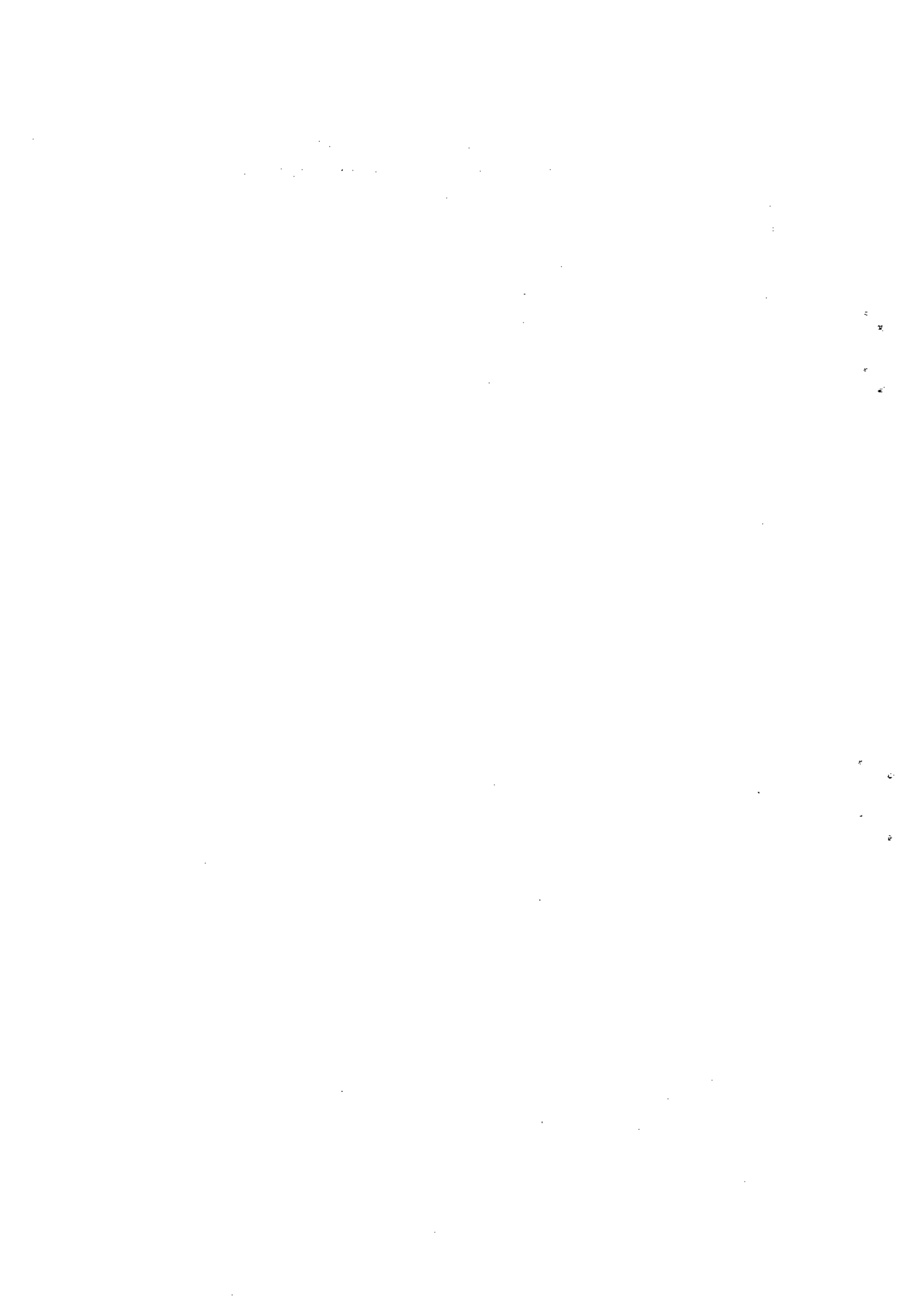


perceber que, à medida que o escrevia, descrevendo e analisando ritos e mitos dos Craôs, e relacionando uns com os outros, ia vislumbrando o significado dos grupos da praça, algo que me intrigava havia muitos anos.

"Grupos da praça" foi o termo com que Curt Nimuendaju denominou um conjunto de seis grupos que, entre os Ramko kamekhrã, participam de ritos de iniciação, distribuídos em duas "metades da praça", três em cada uma. Esses grupos congregam apenas indivíduos do sexo masculino, segundo os nomes pessoais de que sejam portadores (NIMUENDAJU, 1946, p. 87). O fato de se usar os termos "metades da praça" e "grupos da praça", calçados nos próprios termos Ramkokamekhrã, para essas divisões e subdivisões, não quer dizer que elas sejam as únicas a terem lugar na praça central da aldeia.

OS GRUPOS DA PRAÇA ENTRE OS CRAÔS

Os Craôs também têm as metades da praça, mas cada uma se divide em quatro grupos e não em apenas três, como entre os Ramkokamekhrã. Na metade ocidental ficam os grupos *Tso* (Raposa), *Hók* (Gavião), *Khedré* (Periquito), *Kupên* (Estranho) e na oriental estão *Pan* (Coruja), *Autrê* (Peba), *Txôn* (Urubu) e *Krên* (Periquito-estrela). Sua posição na praça da aldeia está representada na Figura nº 1. Normalmente são as metades da praça que se enfrentam como rivais nas corridas de toras. Mas, quando os Periquitos cortam toras, fazem mais de um par das pernas; então cada grupo de uma metade compete com um da metade oposta, da seguinte maneira: Raposas X Corujas, Gaviões X Pebas, Periquitos X Urubus e Estranhos X Periquitos-estrelas. Porém, como o grupo Periquito-estrela tem um número exíguo de membros, uma parte dos Urubus deve ajudá-los a enfrentar os Estranhos, díz uma informação; ou então, segundo outra, que ignora sua existência, os Estranhos se juntam aos Periquitos para enfrentar os Urubus (MELATTI, 1978, pp. 276-277). À guisa de curiosidade, e com uma pequena margem de erro, era a seguinte a distribuição dos 254 indivíduos do sexo masculino, que viviam nas aldeias Craôs, em 1962, pelos grupos da praça: 70 Urubus, 40 Periquitos, 35 Estranhos, 32 Gaviões, 27 Raposas, 26 Pebas, 13 Corujas, 2 Periquitos-estrelas (indicados também como Pebas, talvez



como parte da segunda solução apontada para o problema de sua participação nas corridas de toras) e 4 que faziam parte de mais de um grupo (ainda que esse número pareça ser maior, incluindo portadores de nomes pessoais de mais de um transmissor e que ainda não se tinham definido por um só grupo).

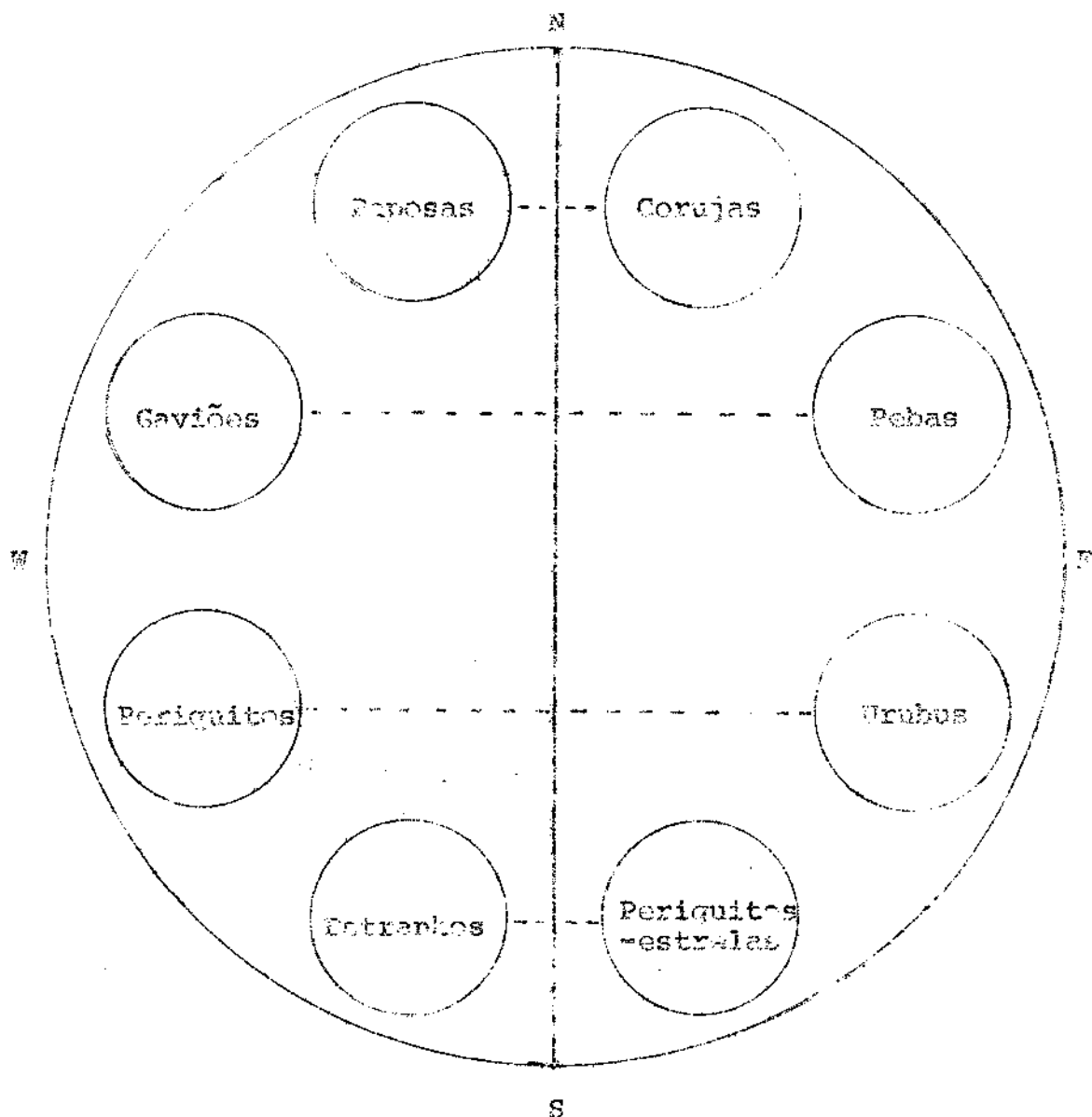
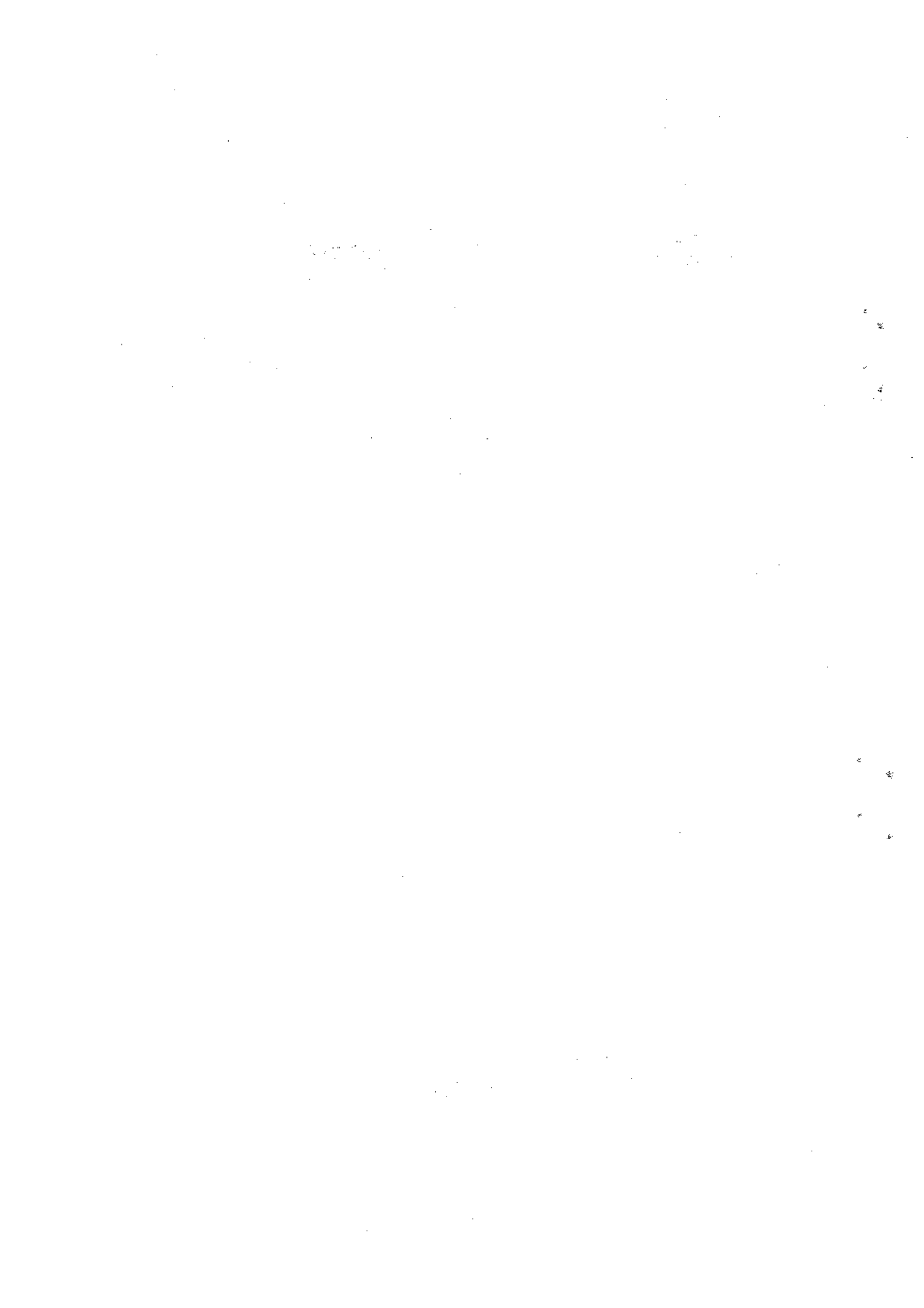


Figura nº 1: Grupos da praça Craões. As linhas interrompidas indicam a oposição ideal em certas corridas de toras.

Na análise dos ritos Craões e dos mitos a eles relacionados, cheguei à conclusão de que grupos da praça contíguos podem ser reunidos dois a dois, de tal modo que os componentes de cada par apresentem características em que se assem-



ham e outras características que os opõem. Esses pares seriam: Gaviões/Periquitos, Estranhos/Periquitos-estrelas, Urubus/Pebas e Corujas/Raposas, tal como se vê na Figura nº 2. Convém notar que esses pares são uma construção do pesquisador e não algo que os Craôs reconheçam explicitamente.

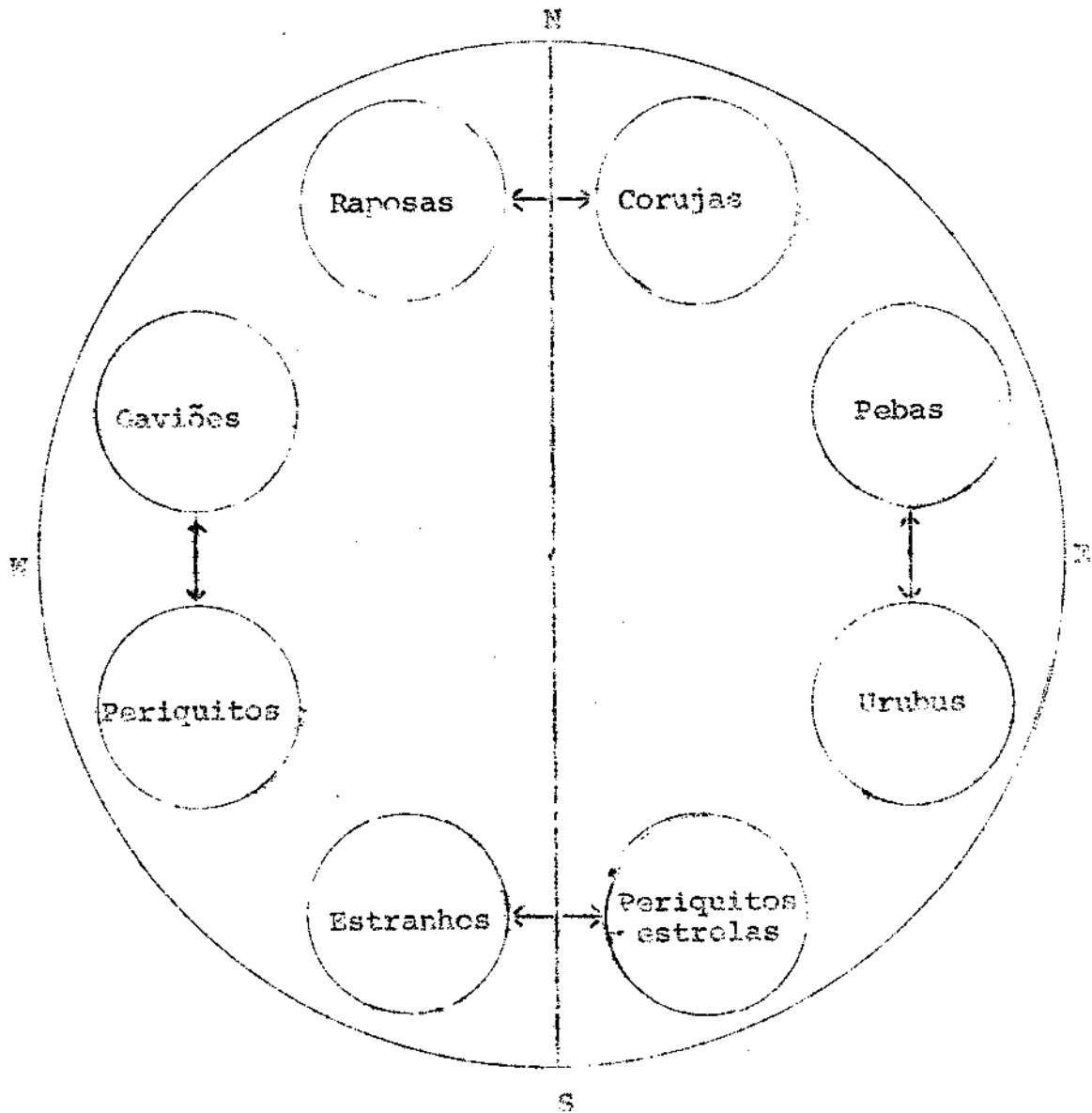
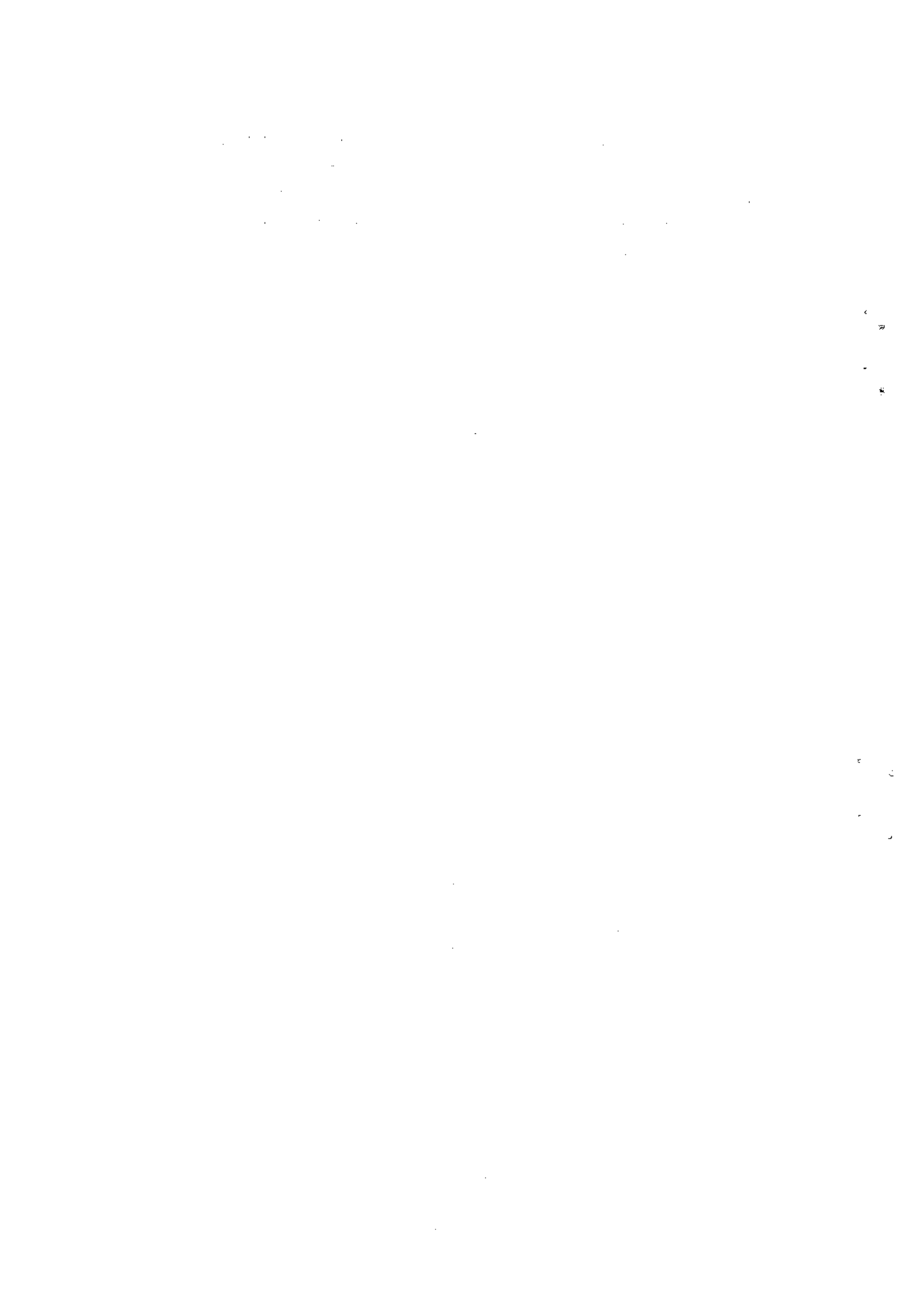


Figura nº 2: Pares de grupos da praça Craôs. Construção do pesquisador. As setas ligam os membros do mesmo par.

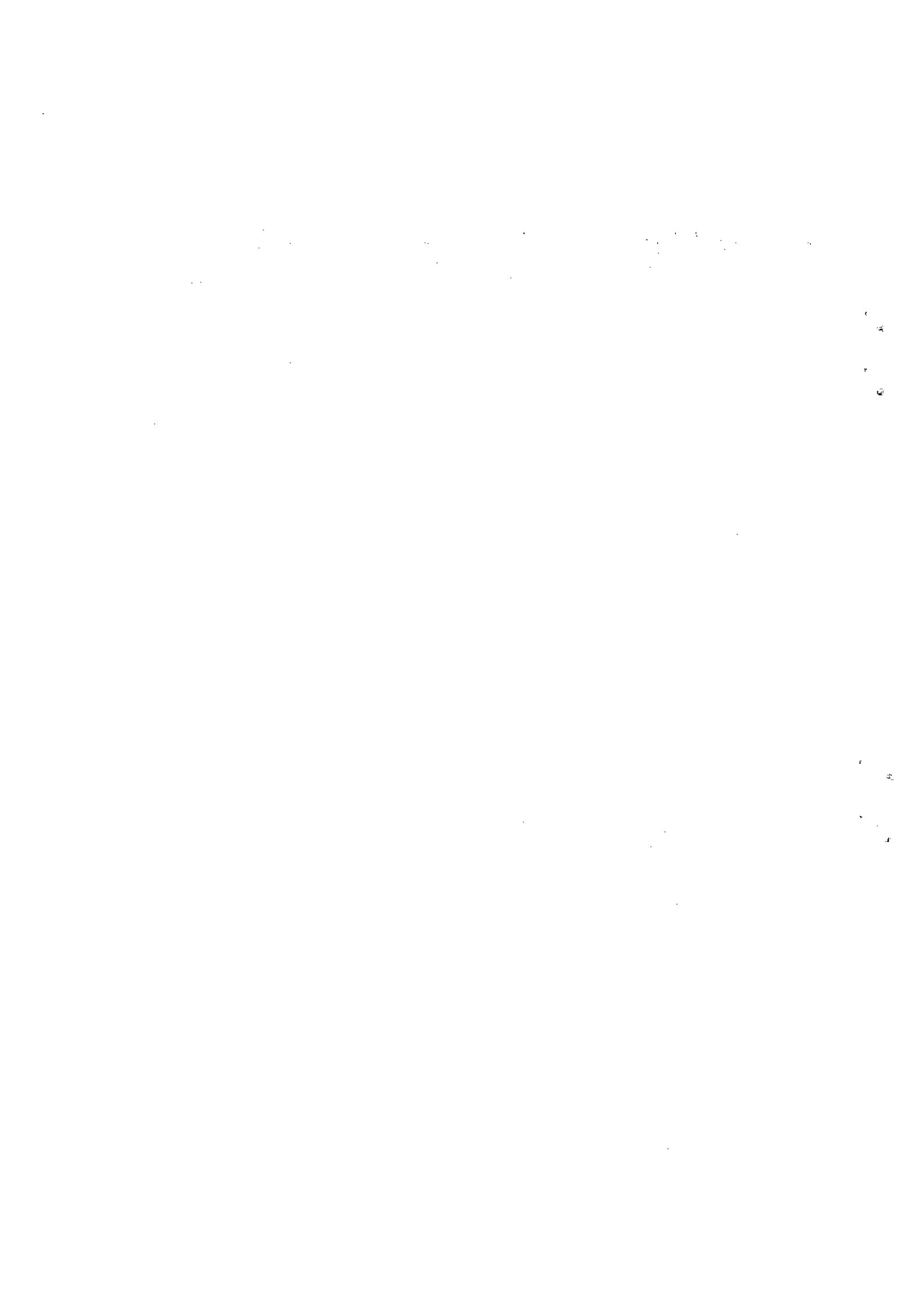
O par Gaviões/Periquitos parece constituir uma réplica de uma série de pares de metades, presentes em contextos distintos, mas semelhantes. Nesses diversos pares de metades, uma delas, que representa os "outros", os "de fora", os "inini-



cos", quase sempre com o nome de um animal alado (Abelhas, Muriçocas, Gaviões, Peixes), nunca corta toras de corrida, tarefa que fica a cargo da rival, que representa "nós", os "de dentro", quase sempre com nome de animal terrestre (Papa-méis, Marrecos, Lontras). Ora, os membros do grupo da praça chamado Gavião também não cortam toras, enquanto os do grupo Periquito cortam, em certas ocasiões, vários pares (quando o normal é cortar apenas um par). Note-se também que os membros da metade *Katamyê*, ligada, entre outros elementos, à periferia da aldeia, adornam-se, em certas ocasiões, com penas de gavião coladas a seus corpos, enquanto os membros da metade *Wakmenyê*, ligada, entre outros elementos, ao centro, com penas de periquito. Haveria, então, uma correspondência entre o par de grupos Gaviões/Periquitos e o par de metades *Katamyê/Wakmenyê*. Mais detalhes quanto a essas semelhanças se encontram em meu livro (MELATTI, 1978, pp. 300-302).

Já o par Urubus/Pebas é constituído pelos "separadores". De fato, são os Urubus que conduzem os jovens à reclusão em mais de um dos ritos ligados à iniciação, separando-os da comunidade, tal como os urubus do mito conduziram o herói *Turkrên* à região celeste. Já os Pebas são aqueles que conduzem os iniciandos para fora da aldeia no final do rito de *Khetuayê*, tal como o herói mítico que desce ao mundo subterrâneo por um buraco da tabu. Assim, Urubus e Pebas "separam", mas os primeiros conduzindo simbolicamente para cima, enquanto os segundos, para baixo. No meu livro, faço um exame mais detalhado dessa par (MELATTI, 1978, pp. 296-300).

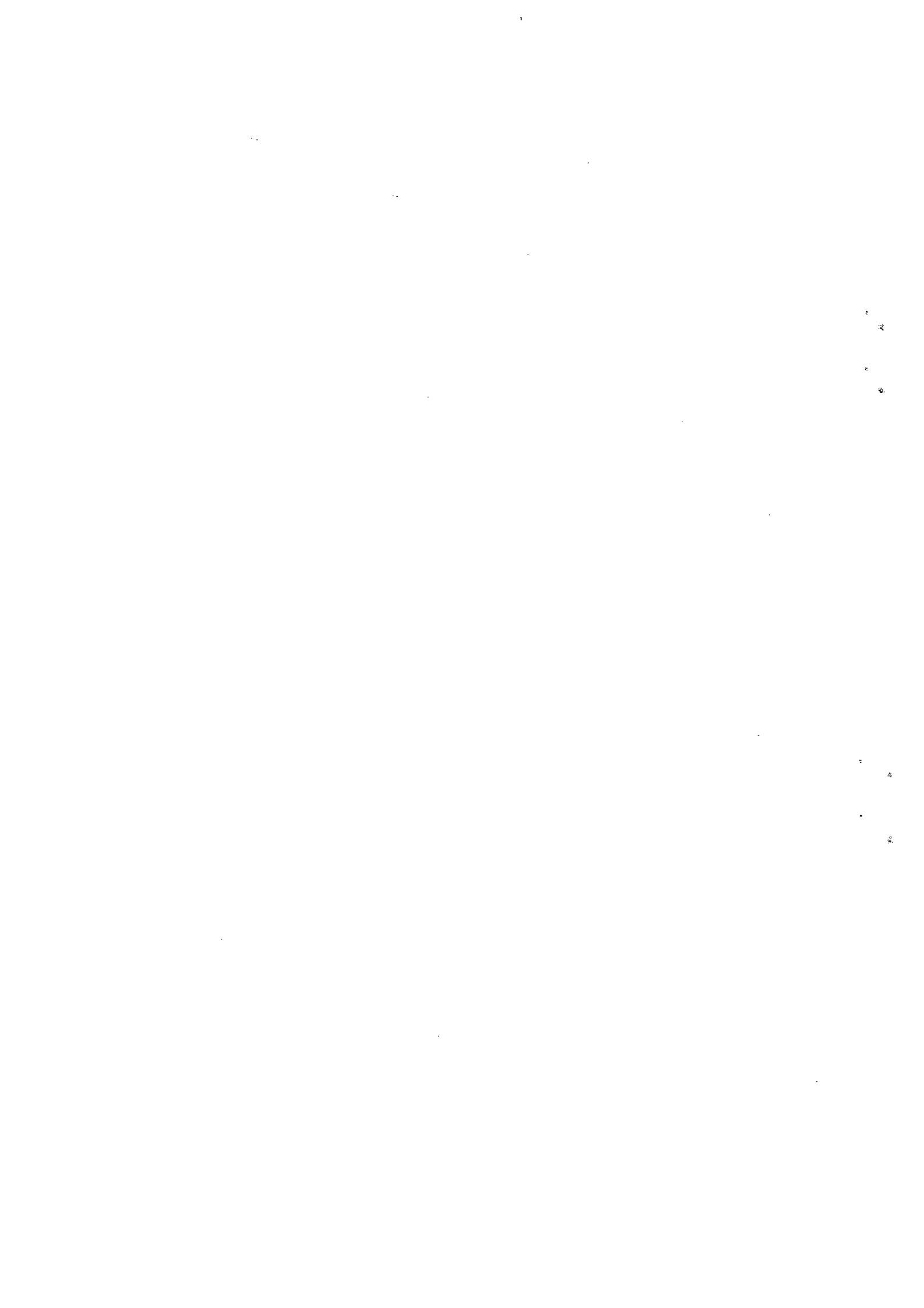
Contrariamente aos membros do par anterior, que separam temporariamente, pelo menos os primeiros dos componentes do par Corujas/Raposas se caracterizam por serem separadores definitivos, tal como a grande Coruja degoladora que, no mito, se para, pela morte, o indivíduo de seu grupo. O grupo Coruja e outros personagens mítico-rituais que lhe são semelhantes, tais como o *Konkô* (provavelmente Acauã) ou o *Tomhók* (Jia), parecem representar aquelas pessoas reais que separam os indivíduos de seu grupo pela morte ou pela inclusão definitiva em outro grupo (MELATTI, 1978, pp. 322 e 342). Mas o que representam as Raposas? Em meu livro não chego a uma conclusão. Uma observação de um indígena sugere uma certa identidade entre a raposa e o



guará (MELATTI, 1978, pp. 277 e 322). Ora, num dos ritos Craôs, é um personagem chamado Guará que abre um buraco onde se deve levantar um mastro em cujo cimo há muitos pedaços de carne amarrados (MELATTI, 1978, p. 307). Um outro momento do mesmo rito sugere uma identidade entre os personagens Guará e Seriemá, pois ambos entram com um pedaço de carne na aldeia (MELATTI, 1978, p. 307). Isso me conduziu a comparar uma série de personagens míticos ou rituais que estão associados a um mastro, tais como: o Guará, ao mastro com pedaços de carne; as Seriemas míticas, aos mastros em cujo cimo colocaram pedaços da vulva de uma moça (que haviam obrigado a descer de uma árvore --- também um mastro --- matando-a com seus assaltos sexuais), que se transformaram em casas de uma aldeia, habitadas por mulheres com as quais se casaram; a grande Coruja mítica, que ficava num buraco no alto de uma encosta --- logo, um mastro --- e que degola o herói *Akrôí*, cuja cabeça o irmão coloca num galho --- também um mastro --- o sugere que se transforme num ninho de arapuás (MELATTI, 1978, pp. 321-322); os *Konkô* (Acauãs), que descem de toras --- mastros --- para escolher aqueles que deverão encabeçar os destruidores de uma casa de marimbondos, que representam os inimigos. Enfim, são personagens ligados a um mastro e, vários deles, a uma transformação (de vivo em morto, de humano em animal etc.). No livro lembrei também que os animais que dão nomes a essas personagens podem engulir inteiros os pequenos bichos (insetos, cobras, lagartos, ratos etc.) de que se alimentam (MELATTI, 1978, pp. 342-343), ainda que tal propriedade não se possa estender a todos os membros dessa possível classe e nem tenha sido explicitada pelos Craôs.

Resta o par Estranhos/Periquitos-estrelas. O nome do grupo *Kupên*, os Craôs o traduzem por "Civilizado", mas na rece que abrange mais do que isso; preferi, então, a tradução "Estranho". Pela maneira de se comportarem no final do rito de *Khetuayê*, julguei ver nos Estranhos a representação de forasteiros. Por outro lado, o grupo Periquito-estrela, a julgar por narrativas que podem ser tanto históricas quanto míticas, parece representar aqueles que deixaram a comunidade, por incorporação a outra ou por morte nas mãos de inimigos (MELATTI, 1978, pp. 340-341).

Essa interpretação do significado dos grupos de



praça se inspirou no que poderiam ter sido as relações entre o indivíduo e sua comunidade num passado recente da vida Criô, sugeri-do por certas narrativas que mais parecem históricas do que míticas (MELATTI, 1974). A "nossa" comunidade são os Periquitos, que têm como vizinhos próximos ou distantes outras comunidades, inimizas ou possíveis de sê-lo, que são os Gaviões. Aqueles que atraem os Periquitos para as comunidades Gaviões, seja para lá se casarem, seja como cilada, seja para combate, são as Corujas e atraídos por elas, os Periquitos-estrelas. Há, porém, aqueles que impedem os membros de "nossa" comunidade de saírem, ou os atraem de volta, ou mesmo atraem os membros de outra: são as Raposas. Os membros de outra comunidade assim incorporados à "nossa" são os Estranhos. Os Urubus levam membros de "nossa" comunidade e os retêm em outras, mas eles de lá retornam: o mesmo fazem os Pabas, retendo temporariamente forasteiros em "nossa" comunidade. Os mesmos personagens poderiam representar as relações entre o indivíduo, seu grupo doméstico de origem e os demais. O que foi dito até aqui poderia ser resumido na Figura nº 3.

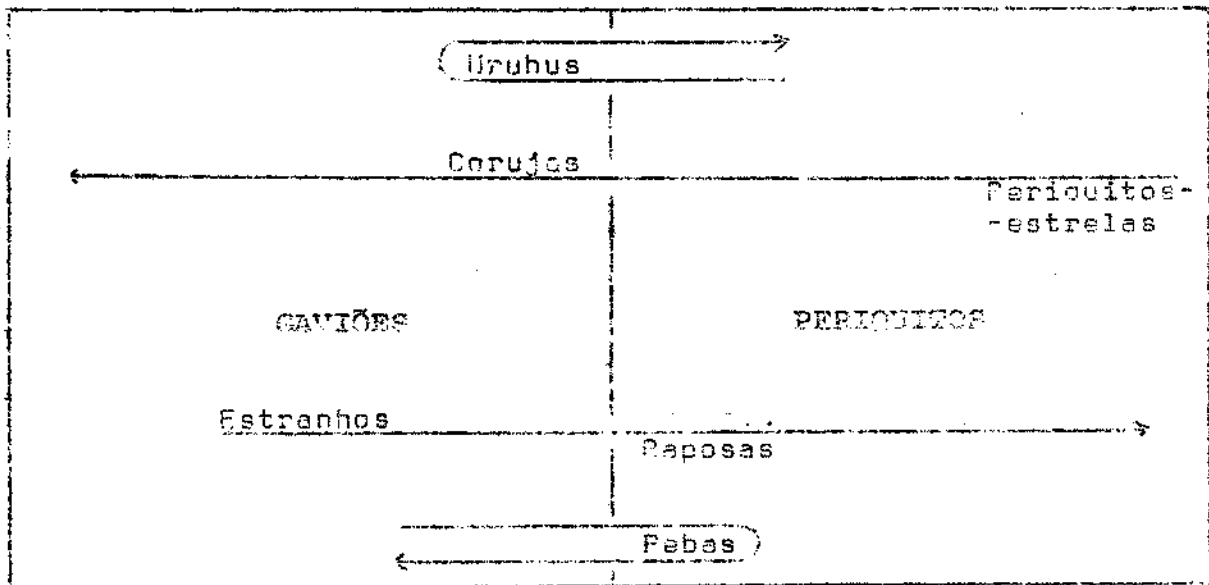
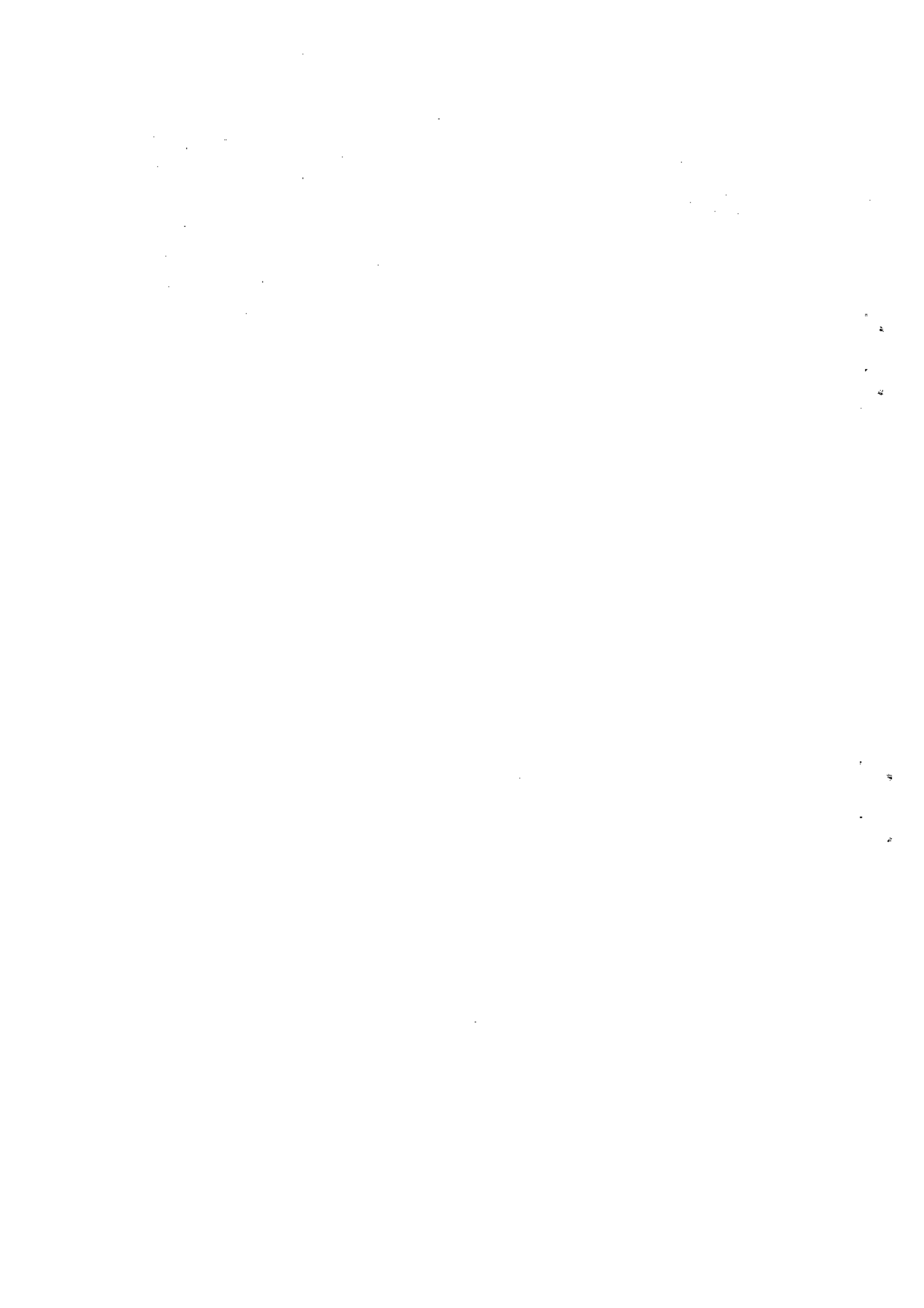


Figura nº 3: Como os personagens representam os indivíduos perante suas comunidades ou grupos domésticos, segundo interpretação do pesquisador.

Se dúvida os argumentos me parecem mais convincentes, no livro (MELATTI, 1978), no que tange aos nomes Gavi-



ões/Periquitos e Urubus/Pebas. No que se refere aos dois outros pares, são poucos os elementos no comportamento e nas características rituais dos grupos que fundamentam minha interpretação. Por exemplo, os membros do grupo Coruja em nenhum momento se comportam ritualmente como se estivessem querendo atrair ou encantar membros da comunidade. Além disso, os indivíduos que representam personagens rituais semelhantes aos Corujas (Acauás, por exemplo) somente em poucos casos são membros desse grupo da praça. Dos oito grupos da praça, as Raposas constituem o mais obscuro, havendo apenas indícios de sua relação com o personagem Guarã, que, por sua vez, está associado ao mastro. Se na Figura nº 3 considerei as Raposas como aquelas que incorporam os Estranhos ao "nosso" grupo, foi apenas para acompanhar o que sugere a simetria da Figura, uma vez que Raposas se opõem a Corujas.

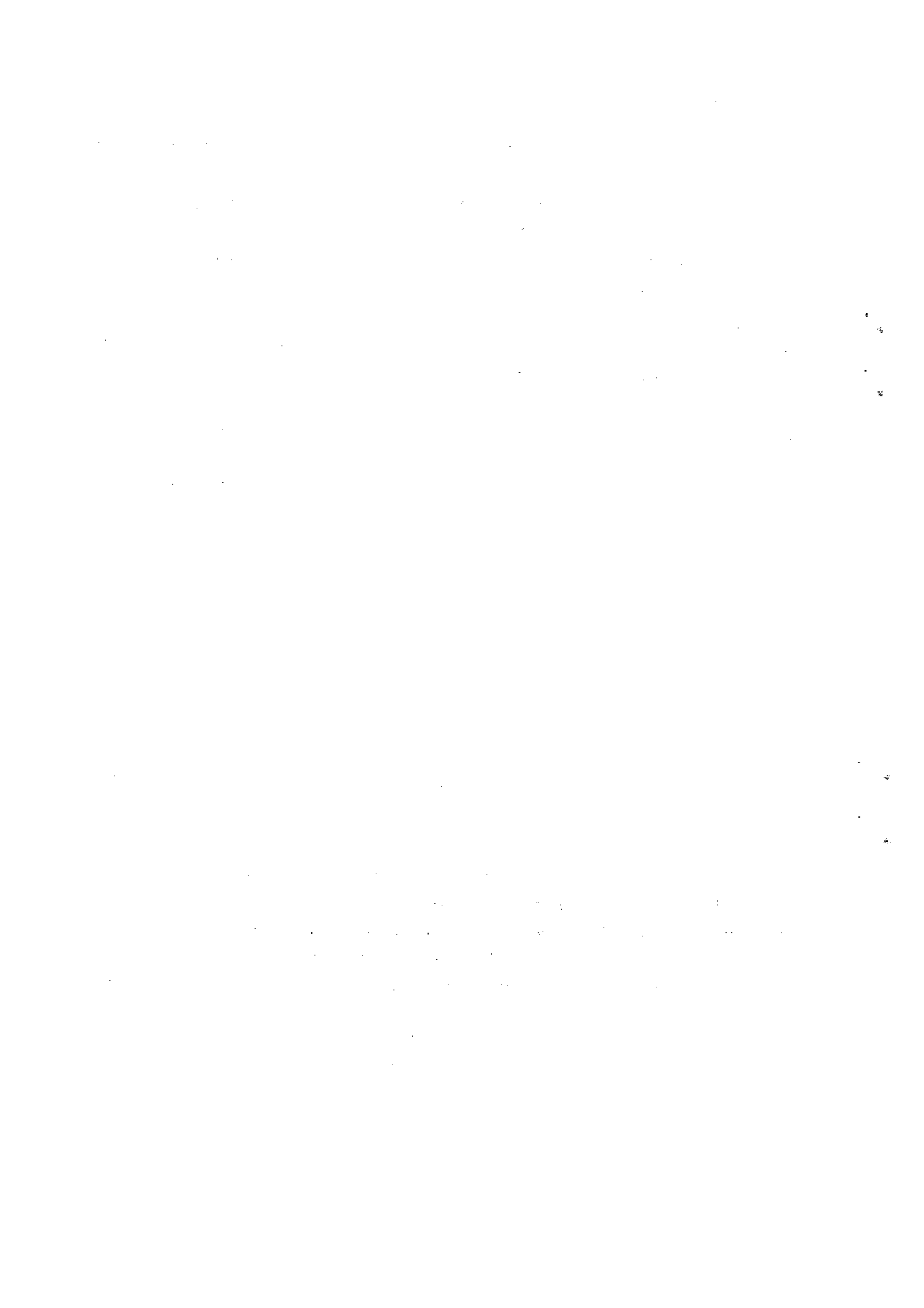
OS GRUPOS DA PRAÇA

ENTRE OS RAMKOKAMEKHRÁ

Como já disse, entre os Ramkokamekhrá os grupos da praça são apenas seis: *Auxêt* (Peba), *Khedré* (Periquito), *Kupên* (Estranho), na metade ocidental; e *Hoká* (Jibóia), *Tæpré* (Morcego), *Trôn* (Urubu), na oriental. Suas posições na praça da aldeia estão indicadas na Figura nº 4. Salvo engano, esses grupos nunca se enfrentam, dois a dois, nas corridas de toras, mas sim as metades que os englobam (NIMUENDAKU, 1946, p. 140).

Além de serem em número diferente, seus nomes não coincidem inteiramente com os dos Craôs. Os grupos que têm os mesmos nomes (Periquitos, Estranhos, Urubus e Pebas) também apresentam, salvo um caso (Pebas), aproximadamente as mesmas posições na praça. À primeira vista, não se podem construir pares de grupos, como fiz com os Craôs. Assim, os Pebas, que entre os Craôs são contíguos aos Urubus, na praça Ramkokamekhrá ficam diametralmente opostos. Estariam, então, os demais grupos a formar pares, cada um com o seu oposto no outro extremo do mesmo diâmetro?

Entre os Craôs são os Gaviões que formam par com os Periquitos; na praça Ramkokamekhrá são os Morcegos que se opõem diametralmente aos Periquitos. Haverá uma equivalência car-



tre Morcegos e Gaviões? Ora, o morcego é alado, tal como seria dos animais que dão nomes a metades e ao grupo da praça que entre os Craôs representam os "outros"; também chupasaangue, o

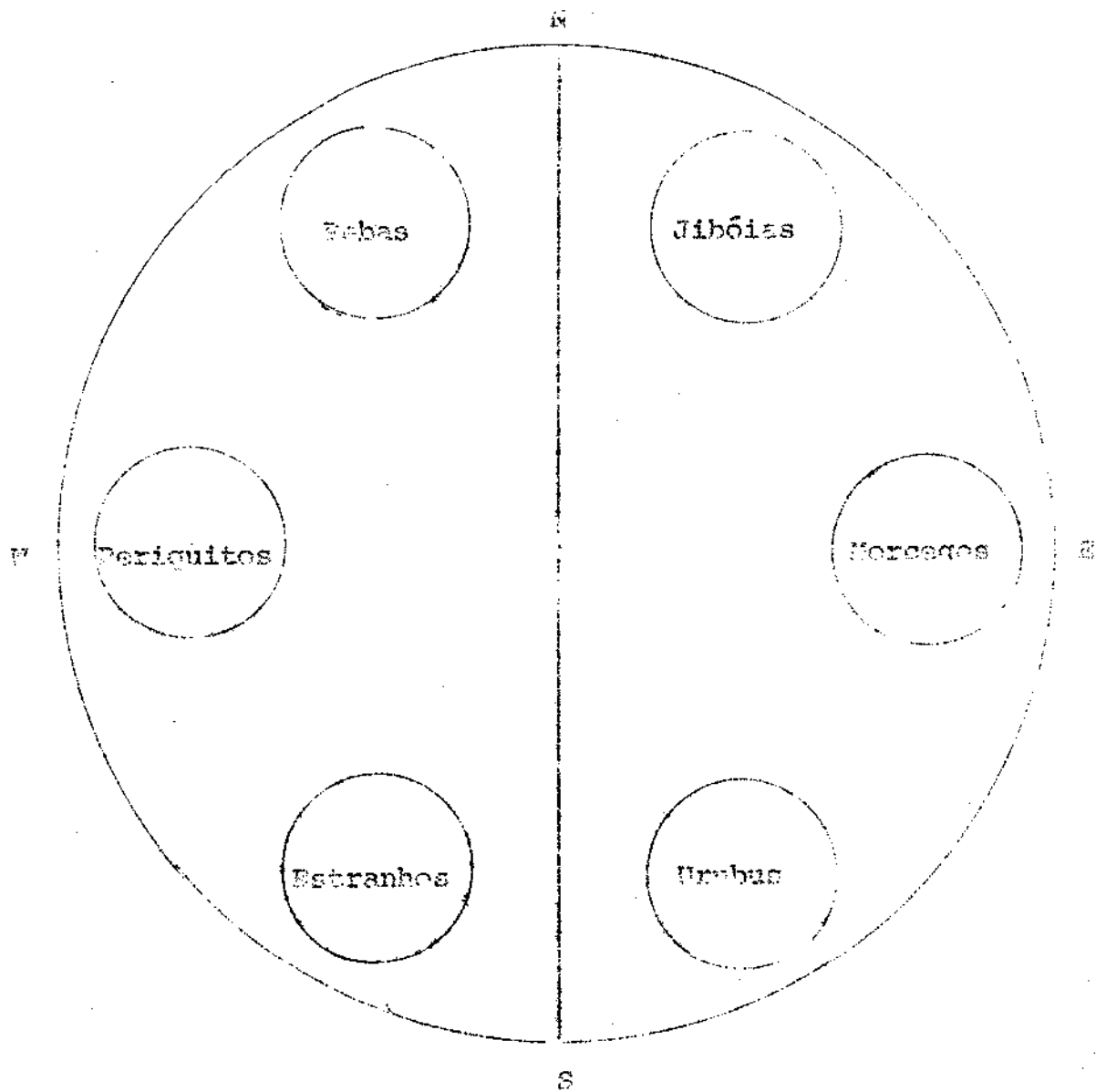


Figure nº 4: Grupos da praça Rankokamekhrá.

que o aproxima dos animais que dão picadas (abelha, muriquoca) ou são carnívoros (gaviões). Um outro indício da equivalência entre os Morcegos (dos Rankokamekhrá) e os Gaviões (dos Craôs), ainda que mais complexo, é a participação daquelles no rito de *Tepyarkwã*. Segundo Nimuendaju (1946, p. 225), entre os Rankoka



mekhrá são os grupos da praça que participam, com outros nomes, nesse rito. Ele não deixa claro se os grupos do *Tepyarkwá* correspondem aos grupos da praça por ocuparem as mesmas posições espaciais ou por terem os mesmos membros, mas parece estar afirmando ambas as coisas. Declara que os Morcegos fazem as vezes das Lontras no *Tepyarkwá* (NIMUENDAJU, 1946, p. 225), ainda que pareça estar em contradição com o que afirma páginas atrás (p. 99), quando diz que os Peixes são "recrutados dos seis grupos da praça, entre os quais os Morcegos são conspícuos". Mas o curioso é que o rito dos Ramkokamekhrá parece inverter certas posições do *Tepyarkwá* dos Craôs. De fato, entre os Craôs os Peixes são equivalentes das metades com nomes de animais alados (Gaviões, Muricocas, Abelhas), enquanto as Lontras e são das metades opostas àquelas. Ora, no rito Ramkokamekhrá as Lontras têm apenas uma moça associada, enquanto os outros grupos, duas cada (NIMUENDAJU, 1946, p.226), o que inverte o que acontece entre os Craôs. Além disso, entre os Ramkokamekhrá os Peixes se associam ao ocidente e as Lontras, ao oriente, o que também constitui uma inversão do esquema Craô. Em resumo, entre os Ramkokamekhrá temos Morcegos=Lontras; entre os Craôs, Gaviões=Peixes; como os Peixes dos Craôs se comportam como as Lontras dos Ramkokamekhrá, temos Morcegos (dos Ramkokamekhrá)=Gaviões (dos Craôs). Logo, é possível dizer que os Periquitos formam um par com os Morcegos na praça Ramkokamekhrá.

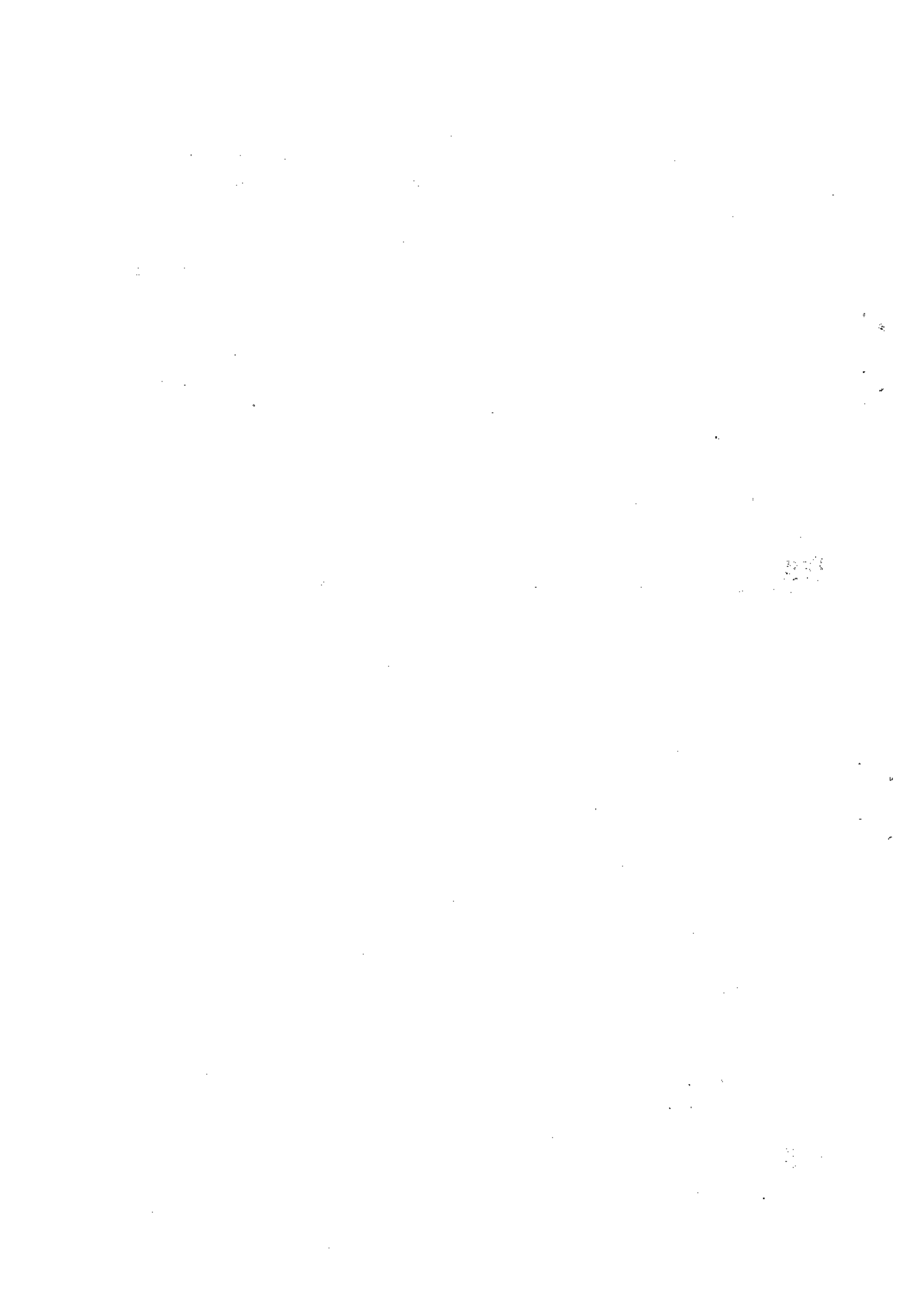
Restam as Jibóias e os Estranhos. Como a jibóia engole inteiros pequenos animais, ela parece corresponder àquelas personagens ligadas ao mastro. Logo, as Jibóias correspondem às Corujas ou às Raposas dos Craôs. Isso cria duas dificuldades: em primeiro lugar, decidir se corresponde às Corujas ou às Raposas; inclino-me pela primeira alternativa, uma vez que as cobras, tal como os peixes, por não terem pernas, assemelham-se aos gaviões, que têm pernas curtas e correm pouco, para usar um argumento Craô (MELATTI, 1978, p. 91), e os gaviões dão nomes a grupos que representam os "outros". A segunda dificuldade decorre da resolução da primeira: se as Jibóias equivalem às Corujas, como onô-las aos Estranhos, que constituem o único grupo que sobra? Acontece simplesmente que os Ramkokamekhrá não dispõem de um grupo equivalente às Raposas a que opor as Jibóias e nem de um equivalente aos Periquitos-estrelas a que opor

os Estranhos. Mas a proposta de um par Jibóias/Estranhos parece pelo menos apoiada por certas semelhanças entre seus componentes. Sugeri em meu livro (MELATTI, 1978, pp. 340-341) que, entre os Craôs, o grupo Estranho se comporta de maneira algo similar aos *Mekhên* (Palhaços), aqueles personagens que fazem coisas erradas nos ritos, a partir do próprio uso dos ornamentos. Ora, numa figura do livro de Nimuendaju (1946, p. 89), que mostra os desenhos usados na pintura de corpo dos membros dos grupos da praça Barkokamekhrã, nota-se que o dos Estranhos é o menos regular, ou melhor, não apresenta simetria no sentido vertical. Na mesma página, diz Nimuendaju que os desenhos das Jibóias são os que apresentam maior variabilidade individual. Essa maneira menos rígida em se ornamentar torna abso os grupos vagamente semelhantes aos Palhaços dos Craôs. Ora, entre os Barkokamekhrã, os Palhaços são Aves Aquáticas (NIMUENDAJU, 1946, p. 85) e, no *Tepyankã*, usam bicos de aves feitos em madeira (NIMUENDAJU, 1946, pp. 229-230). Entre os Craôs, o bico de madeira é usado, no mesmo rito, pelo personagem Garça (MELATTI, 1978, p. 361). Em outros ritos, é empunhado pelo personagem Serioma (MELATTI, 1978, p. 323). Através dessa cadeia de semelhanças, é possível dizer que o par Jibóias/Estranhos tem algo a ver com personagens ligados ao mastro tal com a Garça e a Serioma (MELATTI, 1978, p. 342). Na verdade, esse par é como que uma condensação dos pares Craôs Corujas/Raposas e Estranhos/Periquitos-estrelas, em que o segundo termo de cada posição foi eliminado, passando a se oporem os dois restantes.

Os pares obtidos pela discussão acima estão indicados na Figura nº 5.

OS GRUPOS DA PRAÇA ENTRE OS KRINKATÍ

Em sua tese de doutoramento, Jean Carter Lave diz que os grupos da praça dos Krinkatí (o Bukobyê) são os seguintes (LAVE, 1967, pp. 177-178): *KokwUn* (um tipo de abelha), *Kidre* (Periquito), *PodIE* (Tamanuã), *ChotE* (Raposa), na metade do noroeste; *KanUng* (termo genérico para cobra), *Kokã* (um pássaro), *MUtE* (Ema), *ChiptE* (Morcego), na metade do sudeste. Narrativa a grafia da autora, porque não dá ao leitor a chave das convenções que adotou e devido à forma bastante distinta que to



nam alguns nomes frente a seus correspondentes Craôs. Na grafia que estou adotando aqui e no dialeto Craô eles seriam, respecti

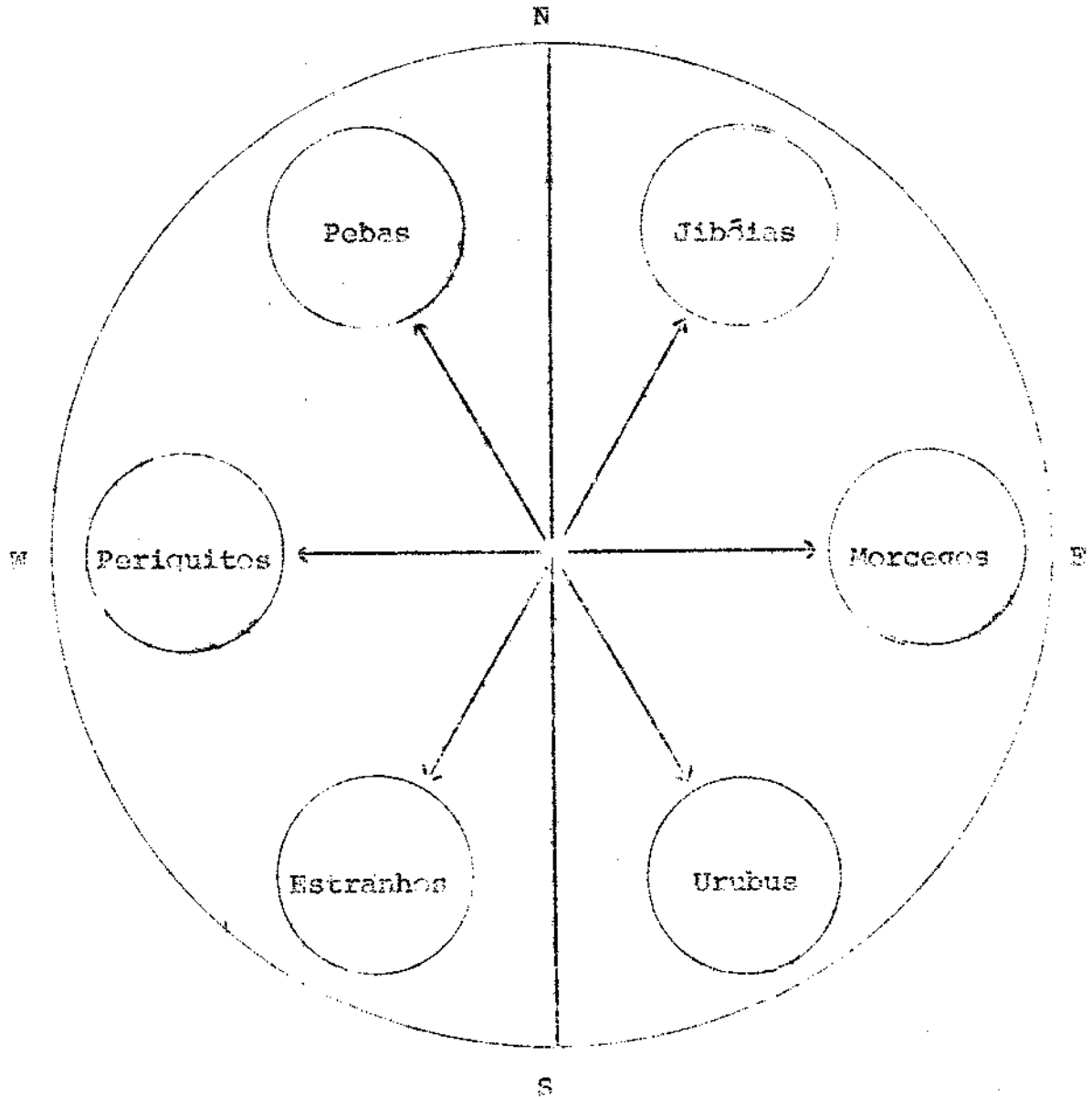


Figura nº 5: Pares de grupos da praça Ramkokamekhré. Construção do pesquisador. As setas ligam os membros do mesmo par.

variante: *Kukhrán* (Arapuã), *Khedré* (Periquito), *Podré* (Mambira, Mirola ou Tamanduã-mirim), *Txotĩ* (Raposa), *Kaqnán* (Cobra), *Konkô* (nássaro que os Craôs chamam em português de "Coã" e que deve ser o Acauã), *Manti* (Ema) e *Txeptĩ* (Morcego). A identificação do Acauã é a mais sujeita a retificação. A posição desses grupos na praça está indicada na Figura nº 6, onde também se

mostram os grupos rivais em corridas de toras (sempre de metades opostas) e os que, em certas ocasiões, trocam entre si papá-rutos cerimoniais (sempre dentro da mesma metade).

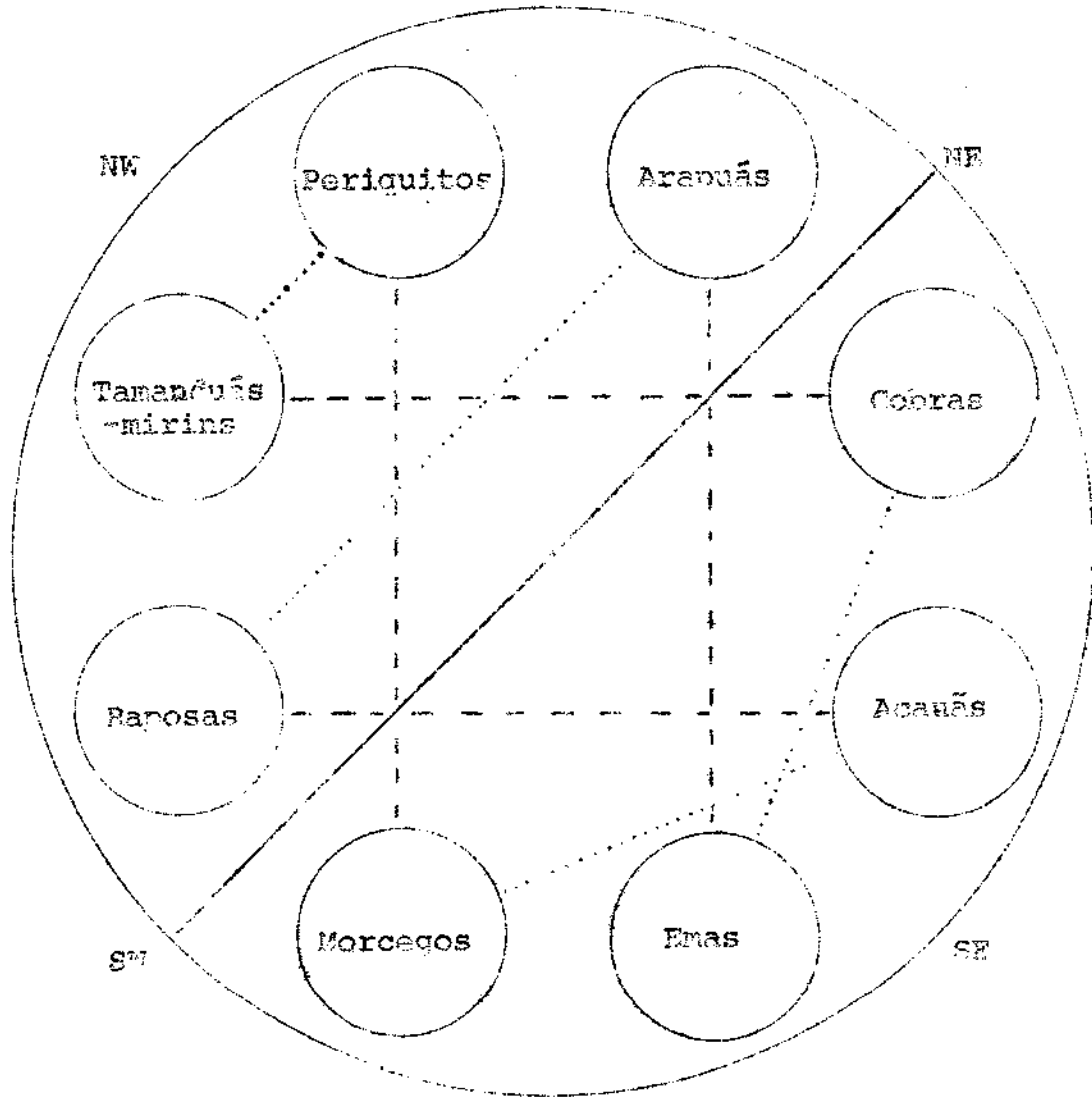


Figura nº 8: Grupos da praça Krinkatí. As linhas interrompidas ligam os rivais nas corridas de toras e as pontilhadas, os que trocam papá-rutos entre si.

A primeira coisa que se nota é que há somente três grupos da praça Krinkatí que têm nomes iguais aos dos grupos das duas tribos já examinadas: Periquitos (tanto entre os Craôs como entre os Namkokamekhrá), Raposas (entre os Craôs) e Morcegos (entre os Namkokamekhrá).

O segundo aspecto digno de nota é que o esquema Krinkatí dos grupos que disputam corridas de toras constitui pares quase diametrais que lembram, pelo menos na forma, o esquema a que cheguei após comentar os grupos Rankokamekhrã (Figura nº 5), enquanto que os grupos que trocam paparutos são quase contíguos, lembrando o esquema a que cheguei, talvez só na forma, após comentar os grupos Craôs (Figura nº 2).

Partindo do conhecido para o desconhecido, poder-se dizer que o par Morcegos/Periquitos, cujos membros se opõem em corridas de toras entre os Krinkatí, já nos é familiar e vem a ser equivalente ao par formado pelos grupos com os mesmos nomes entre os Rankokamekhrã e ao par Gaviões/Periquitos dos Craôs.

As Raposas também já nos são conhecidas, pois me detive em grupo Craô do mesmo nome. Entretanto, foi aquele que se mostrou mais opaco a uma busca de significados. Entre os Krinkatí, as Raposas se opõem na corrida de toras aos Acauãs. Ora, o Acauã é um personagem de um rito Craô cujo comportamento parece identificá-lo com as Corujas, ainda que o ator que desempenha aquele papel não tenha de pertencer a este grupo. Por conseguinte, o par Acauãs/Raposas dos Krinkatí corresponderia ao Corujas/Raposas dos Craôs.

As Cobras, dos Krinkatí, parecem corresponder às Jibóias, dos Rankokamekhrã, simplesmente porque a jibóia é uma cobra. Linhas atrás, sugeri uma correspondência entre as Jibóias e os personagens ligados ao mastro e, mais especificamente, na identificação com o grupo das Corujas, dos Craôs. Mas, entre os Krinkatí, as Cobras não se opõem diretamente às Raposas, como seria de se esperar, a partir da citada identificação; elas são rivais, nas corridas de toras, dos Tamanduás-mirins. Dois mitos Timbiras poderão ser utilizados na busca do significado deste último grupo, desde que se ignore a distinção entre as espécies tamanduá-mirim e tamanduá-bandeira, uma vez que, pelo menos no dialeto Craô, os nomes de ambas são constituídos pela mesma raiz (*pot*), seguida da partícula do diminutivo para o primeiro (*podré*) e da indicadora do aumentativo para o segundo (*potí*). Em ambos os mitos nota-se uma associação do tamanduá com o mastro. Contra um desses mitos, colhido por Harold Schultz

entre os Graôs, que uma velha convidou os meninos para comer puçãs. Ao chegarem aos pucazeiros, os meninos treparam nos mesmos e começaram a comer as frutas, sem dar ouvidos à velha, que lhes pedia para sacudi-los. A velha manjava e comia as frutas do chão. Quando os meninos acabaram de comer, começaram a atirar puçãs verdes e depois se transformaram em periquitos e foram embora, apesar dos apelos da velha para que voltassem. A velha, que quase não tinha dentes, virou então tamanduá-bandeira, saiu cavoucando os cupinzeiros e entrou no mito (SCHULTZ, 1950, p. 169). Infelizmente essa versão não indica a espécie de periquito em que os meninos se transformaram. Nela, o tamanduá representa uma pessoa de idade que é abandonada pelos seus, mais novos. O outro mito é muito mais extenso: é aquele dos dois heróis, *Kenkunán* e *Akrêi*, que lutam contra o grande Gavião e a grande Coruja, que dizimavam os homens. As versões Graôs desse mito estão publicadas por Schultz (1950, pp. 92-114) e por mim (MELATTI, 1978, pp. 205-209). Nimuandaju publicou uma versão Apinajé (1955, pp. 122-131) e uma Rankokamekhrã (1946, pp. 179-181). De todas as versões citadas, é a última a única que nos trata a transformação dos avós maternos daqueles heróis em tamanduás. É digno de nota que esse casal de velhos é abandonado, de modo definitivo, por várias vezes. Primeiro, pela filha e o genro, devorados pelo grande Gavião. Depois, pelos habitantes da aldeia, que se mudam da local; aliás, nas duas versões Graôs, eles fogem para o céu, através de uma escada improvisada, que depois derrobam. Os velhos e seus dois netos, *Kenkunán* e *Akrêi*, ainda meninos, chegam atrasados e não podem mais subir. São também abandonados temporariamente, quando os netos resolvem passar uns tempos sobre um ribeirão, para crescerem e poderem matar o grande Gavião, vingando seus pais; criam assim um dos ritos de iniciação dos Timbiras. Mais tarde, *Akrêi* abandona os avós, ao ser morto pela grande Coruja. Depois, é o neto sobrevivente que os abandona, ao sair à procura dos habitantes da aldeia, que os haviam deixado (o que também acontece na versão Apinajé, onde o sobrevivente é *Akrêi*; nas versões Graôs, *Kenkunán* se dirige para uma tribo estranha). O casal de velhos, definitivamente abandonado por todos, se transforma em tamanduás. Aliás, há ainda mais um abandono: o velho, já sob a forma de tamanduá, é abatido por caçadores, deixando sua esposa, tam-



têm metamorfoseada, completamente sozinha. Portanto, Tamanduá parece ser um personagem que representa os abandonados e pelos seus; mas também deve representar aqueles que iniciam os jovens, uma vez que os avós de *Kenkunán* e *Akrêi*, tal como os Timbiras velhos da atualidade, é que cuidaram dos jovens em reclusão. Na relação com a iniciação mostra que o Tamanduá representa aqueles que tentam atrair para o "nosso" grupo, ainda que, nos ritos, fracasse nessa tarefa. Se assim é, os Tamanduás agiriam de modo semelhante às Raposas, que atrairiam para dentro, tal como sugeri na Figura nº 3. Há um personagem chamado Raposa, que aparece fugazmente num dos ritos de iniciação dos *Bambókera* *khrá*, apanhando, nos locais onde foram assadas batatas-doces para os reclusos, aquelas deixadas propositalmente para ele. Quando Nimuendaju (1946, p. 183) viu esse rito, o homem que representou a Raposa era um velho. Seria esse personagem sempre representado por um velho (que receberia as batatas como uma ajuda da aldeia)? Se assim for, teremos aí mais uma semelhança entre a Raposa e o Tamanduá. Surtenho, pois, que as Raposas e os Tamanduás-mirins, da praça *Krinkatí*, constituam como que desdobramentos de um único grupo, acontecendo o mesmo com seus rivais na corrida de toras, *Acauãs* e *Cobras*, constituindo assim a oposição *Raposas-Tamanduás-mirins/Acauãs-Cobras*.

Restam, na praça *Krinkatí*, os grupos das *Emas* e das *Arapuãs*. À primeira vista, a ema, como animal muito corredor, tal como o notam os *Craôs* (MFLATTI, 1978, p. 314), poderia estar dando nome a um grupo que representa "nós", enquanto a arapuã, uma abelha, animal alado e agressivo, um grupo que representa os "outros". Semelhantemente ao desdobramento a que cheguei acima, haveria a oposição *Emas-Feriquitos/Arapuãs-Morcegos*. Além disso, a ema - entre os *Krinkatí*, está associada à metade *Khoikateyê*, opondo-se ao jaboti - que se liga à metade *Havankateyê* (LAVE, 1967, p. 304), parecendo haver aí uma oposição entre o rápido e o lento, ainda que Jean Carter Lave não pareça ter explorado essa possibilidade. Entretanto, segundo uma informação *Craô*, quando alguém sonha que está mantendo relações sexuais com mulher indígena, é sinal de que se matará voado; mas se sonha com mulher civilizada, é sinal de que se matará ema, pois esta é emplumada, "vestida", como a mulher civilizada. Lembre-me vagamente, ainda que não encontre o registro em minhas anota

ções, de uma observação de um Craô, que comparou-a em a civilizado, devido a suas longas pestanas (os Craôs retiram tanto os cílios como as sobrancelhas). Essas semelhanças podem equiva

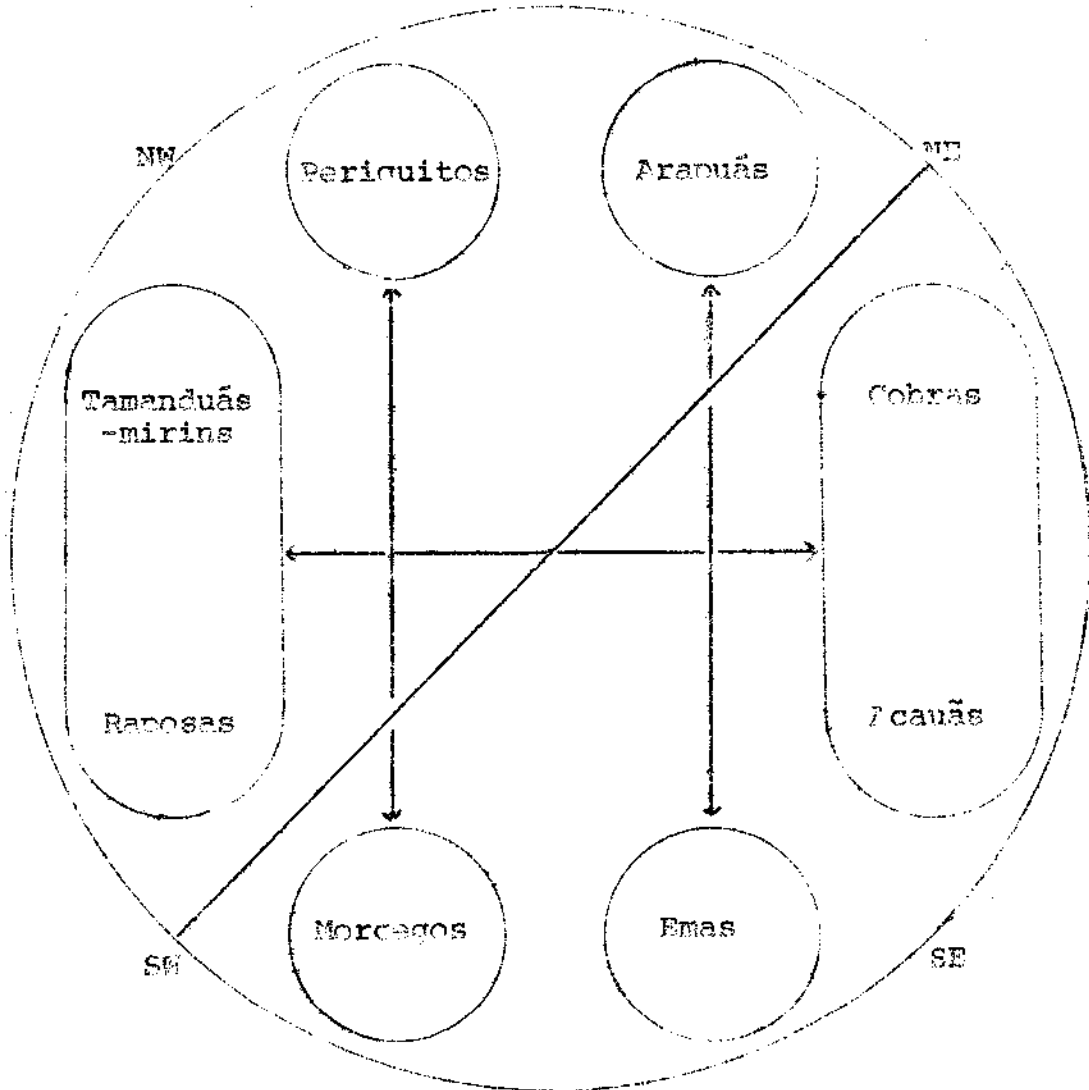


Figure nº 7: Pares de grupos de tribo Krinkatí. Construção do pesquisador. As setas ligam os membros do mesmo par. O envolvimento de mais de um nome pela mesma linha indica duplicidade.

rar as Emas, dos Krinkatí, aos Estranhos, dos Craôs e dos Ranko kamakhrá. Por outro lado, as Arapuás tem o mesmo nome das abelhas em que a cabeça de Akrêi se sugeriu se transformar, quando este abandonou os seus (os avós maternos e o irmão) através da morte, degolado pela grande Coruja. Assim, as Arapuás se identi

ficam com os Periquitos-estrelas dos Craôs. Em suma, a oposição Emas/Arapuãs, dos Krinkatí, corresponde à oposição Estranhos/Periquitos-estrelas, dos Craôs.

As oposições na praça Krinkatí, acima obtidas, podem ser indicadas como na Figura nº 7.

OS PRESSÁGIOS

APINAJÍS E CRAÔS

Na Figura nº 8, apresento um quadro das correspondências entre os grupos da praça das três tribos --- Craô, Ramkokamêkrá e Krinkatí ---, resumindo os resultados a que cheguei até aqui.

CRAÔS	RAMKOKAMÊKRÁ	KRINKATÍ
Saviões	Morcegos	Morcegos
Periquitos	Periquitos	Periquitos
Urubus	Urubus	
Pebas	Pebas	
Corujas	Jibóias	Acauãs Cobras
Raposas		Raposas Tamanduás-mirins
Estranhos	Estranhos	Emas
Periquitos-estrelas		Arapuãs

Figura nº 8: Correspondências entre os grupos da praça das três tribos.

O quadro da Figura nº 8 mostra que entre os Krinkatí faltam os grupos correspondentes aos Urubus e Pebas, havendo, por outro lado, dois grupos correspondentes a cada membro do par Corujas/Raposas. Por sua vez, o par Jibóias/Estranhos

dos Ramkokamekhrá é constituído por grupos que correspondem, cada qual, a membros de pares distintos nas outras duas tribos.

Enfim, os nomes dos grupos de brace nas tribos Timbira parecem estar ligados a uma classificação de animais. Há indícios de que tal classificação se manifesta em outras áreas da cultura Timbira, como, por exemplo, a dos presságios, os quais foram objeto de um interessante estudo de Roberto da Matta (1971), no que se refere aos Apinajés.

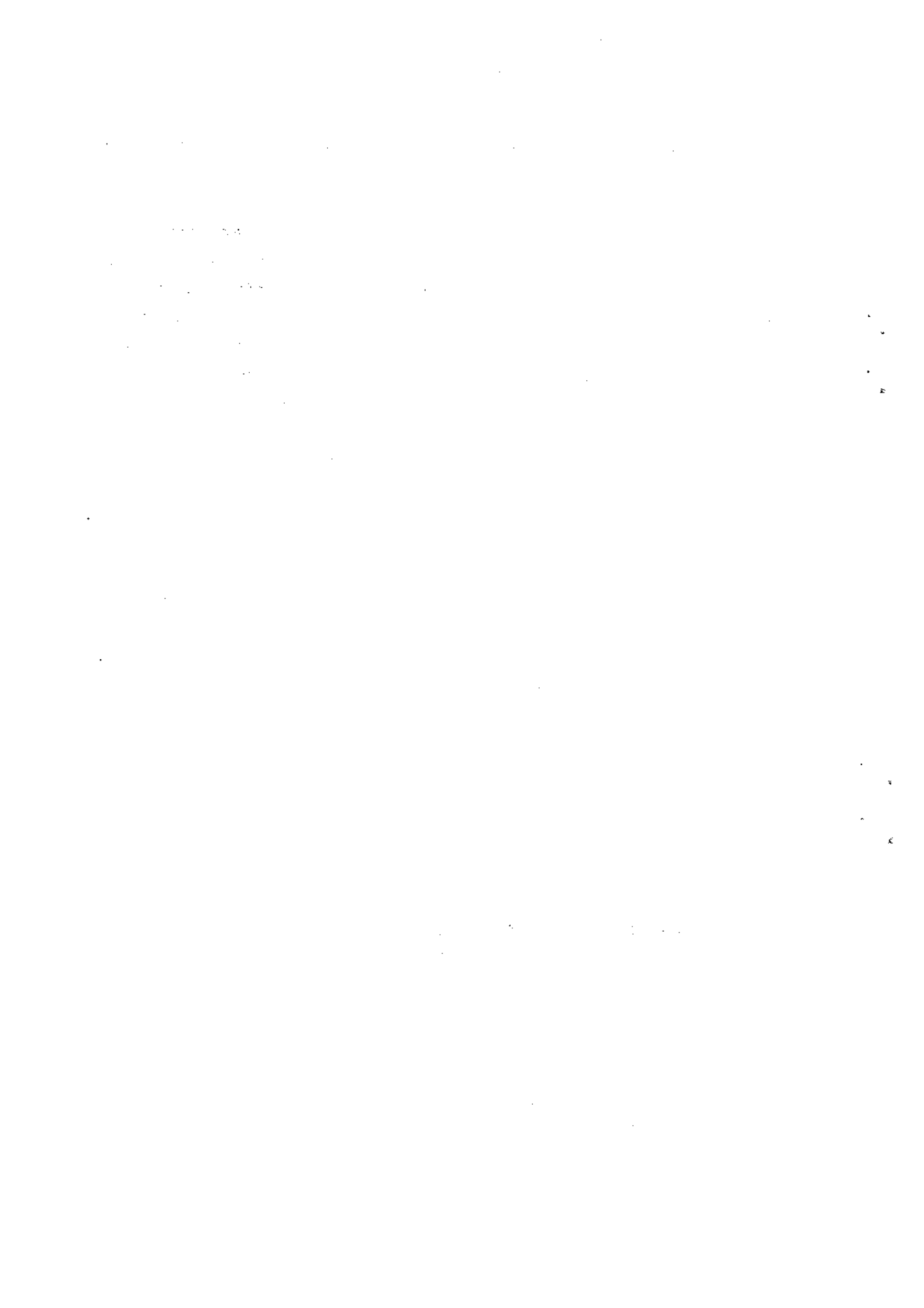
Dos presságios arrolados no referido trabalho, interessam-me aqui apenas aqueles que especificam um animal que sirva de sinal para um acontecimento futuro. É o caso da lista de três presságios que figura nas páginas 22-23. Desses três, excluo o primeiro, porque alude simplesmente a um passageiro qualquer. Nota-se, então, curiosamente, que em sete dos doze presságios restantes são atos de animais que referiam ser incluídos nas possíveis classes das Corujas ou das Raposas que anunciam a morte de um parente: mãe-da-lua, coruja, anu, pica-pau, sapo, tapir, guará.

De fato, já falei da identificação do guará com a raposa. Quanto à mãe-da-lua, é um animal de boca descomunal, em relação a seu tamanho, cacador de insetos, engolindo, pois, inteiros os animais que apanha, assemelhando-se, assim, a boa parte daqueles que dão nomes a personagens míticos-rituais similares aos membros do par Corujas/Raposas. O anu é um cacador de carrapatos que costuma pousar sobre as costas do boi para apanhá-los, tal como faz o Gavião-carrapateiro, que dá nome a um personagem ritual Craô semelhante aos membros do par Corujas/Raposas (MELATTI, 1978, p. 343). Já o pica-pau dá nome ao personagem mítico que tenta derrubar o nê-do-céu, o que, se cega a correr, destrói o mundo (MELATTI, 1978, p. 96). Por sua vez, o sapo, sendo um batráquio, lembra o personagem Jia (*); que, num rito Craô, convida a alôcia para quebrar uma casa de marimbondos, que representam os inimigos. Finalmente, o tapir dá nome

(*) É curioso notar que Tomhók, que entre os Craôs é traduzido como Jia, um batráquio, entre os Ramkokamekhrá vem a ser o Urupa-rei, nome atribuído aos chefes-honorários (NINUENSA-

a um personagem mítico que seduz uma mulher, sendo ambos mortos pelo marido ofendido (SCHULTZ, 1959, pp. 153-155). O tapir sedutor esperava a esposa junto aos buritizeiros --- logo, mastros. Há também um breve mito Craô, citado por Manuela Carneiro da Cunha (1978, p. 87), que conta como o tapir foi buscar fogo para queimar um índio que fazia caça de espera em cima de uma árvore e como aquele, ao persegui-lo, foi detido pelos gritos dos sapos (*prokayeré*), que eram amigos formais do animal perseguidor. Esse mito, do qual também colhi uma versão (em que os sapos são chamados de *prové*), não publicada, também associa o tapir ao mastro e ao fogo, como o pica-pau, além de ligá-lo ao sapo, já visto como animal passível de ser incluído nas classes das Corujas ou Raposas. A associação do tapir com o fogo também está muito clara na versão Apinajé da origem do fogo, em que é um tapir que carrega o tronco de jatobá aceso da casa da onça para a aldeia dos homens (NIMUENDAJU, 1956, pp. 119-120). Curiosamente, na versão Ramkokamekhrá do mesmo mito, é um sapo que, após terem os homens retirado o fogo da casa da onça, cospe sobre as brasas que restam, apagando-as (NIMUENDAJU, 1946, p. 243). Ainda com relação ao sapo, disponho de uma versão de um mito Craô, ainda não publicada, em que um grande sapo (*protí*) decora

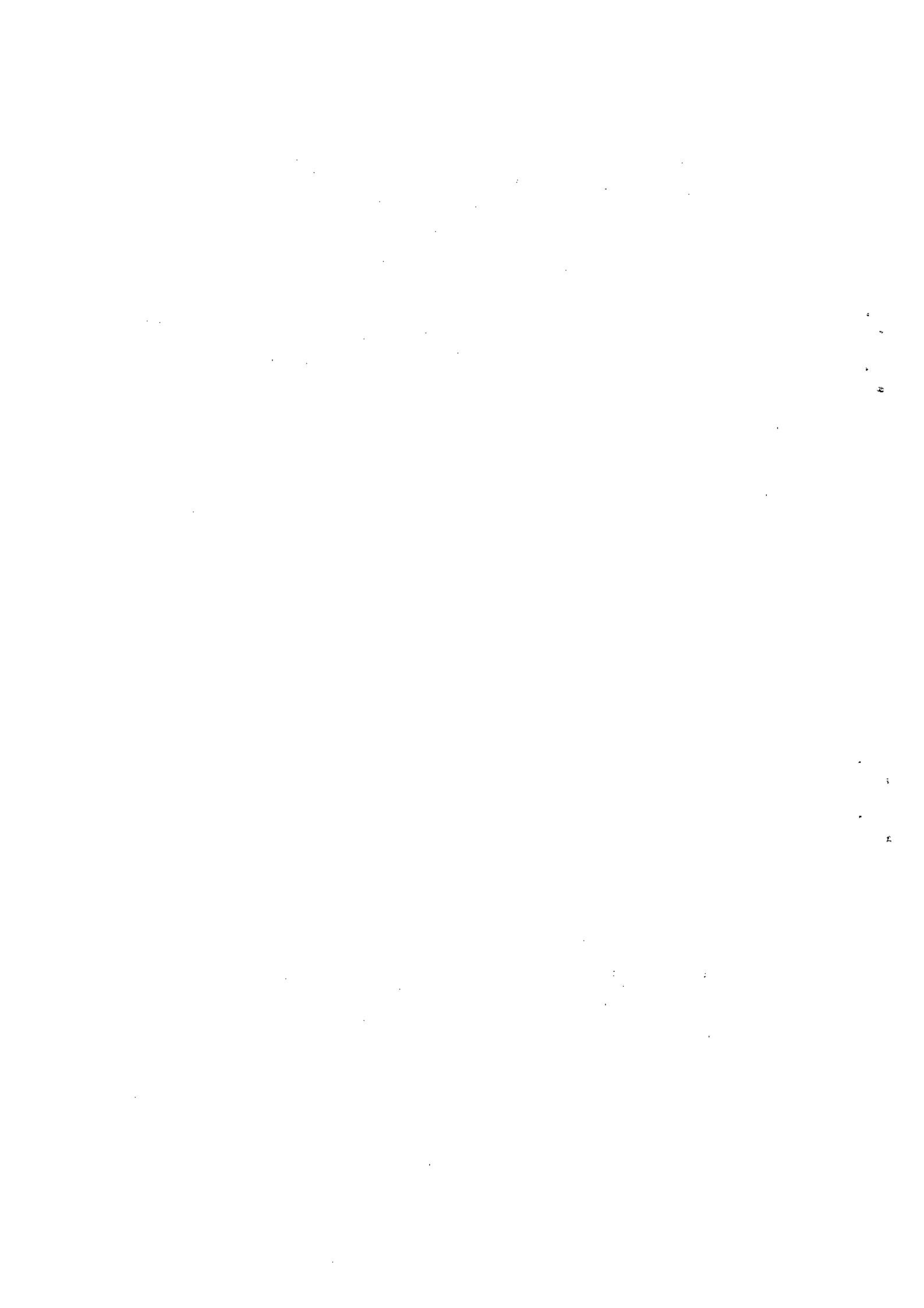
JU, 1946, pp. 88-100), indivíduos pertencentes a uma comunidade, mas que representam outra. Assim, *Tamhók* daria nomes a personagens opostos: entre os Craôs, aquele que conduz para fora; entre os Ramkokamekhrá, aquele que é conduzido para dentro (pela comunidade que o escolhe) ou para fora (do ponto de vista de sua comunidade de origem). Essa é mais uma inversão que aponto entre os ritos Craôs e os Ramkokamekhrá, tendo-me referido anteriormente às inversões no *Tep-yarkwá*. Posso apontar mais uma: no rito de *Pembkahók* dos Ramkokamekhrá os reclusos ajudam os membros da associação dos Gaviões, inclusive na corrida de toras (NIMUENDAJU, 1946, pp. 146 e 214), enquanto que entre os Craôs se põem contra a metade dos Gaviões ou equivalente (MELATTI, 1978, p. 246). Uma comparação mais atenta dos ritos de uma e de outra tribo pode apontar outras inversões.



um homem que tinguíjave uma lagoa, na altura da cintura. O homem abandona a parte inferior de seu corpo, passando a andar sobre as mãos, transformando-se assim no monstro *Hítokré*, que passou a fazer as mulheres caírem de susto do alto das bacabeiras. O homem cortado pelo sapo bem lembra o decolamento do herói *Akrêi* pela grande Coruja. Em ambos os casos a parte inferior do corpo mutilado torna-se inerte, enquanto a superior continua viva, mas transformada em um ser ou seres que estão fora da comunidade ou até contra ela.

Seria de se esperar que os citados animais que anunciam a morte de membros de "nosso" grupo estivessem todos incluídos na possível classe das Corujas, que representam os que atraem para fora. Mas alguns desses animais se colocariam na classe oposta, das Raposas, que atraem para dentro. É o caso do guará, que anuncia a morte de um *pemb*. isto é, jovem em final de iniciação ou recém-iniciado. O presságio do guará seria, então, uma inversão: um animal que representa os que atraem para dentro a anunciar uma atração para fora, a morte. Por outro lado, esse presságio reforça a associação que suponho ter encontrado entre a possível classe das Raposas e a iniciação. Como os Timbiras associam a iniciação, e julgar pelo mito de *Mankunán* e *Akrêi*, ao preparo para a vingança e a luta contra os inimigos, isso nos permite compreender o significado do presságio *Craô*, segundo o qual os repetidos gritos de uma raposa próximas à aldeia anunciam que ela será atacada por índios inimigos. Esse presságio também se relaciona ao costume *Craô* de gritar como raposa ao se aproximar de uma aldeia para a qual se leva a notícia de um homicídio.

Quanto aos outros cinco presságios *Apinajês*, um deles toma como sinal da morte a presença de um urubu dentro de casa, muito embora os animais incluídos na possível classe dos Urubus representem aqueles que separam apenas temporariamente a morte de filhotes de periquito ou de papagaio, que constitui entre desses presságios, talvez faça sentido como agouro pelo facto de poderem esses animais serem incluídos na possível classe dos Periquitos, que representam "nosso" grupo. O presságio que toma como indício a morte de um rato talvez se explique pela inclusão desses animais na mesma classe. Já o presságio que toma como sinal a morte de um porco para anunciar a morte de um pa



rente só pode ser considerado uma inversão, uma vez que a possível classe dos Morcegos representa os "outros". Inversão também caracterizaria o presságio baseado no grito fora de hora de uma arara ou papagaio, devido à possibilidade de inclusão desses animais na classe dos Periquitos, ainda que nesse caso a base do presságio possa estar no caráter intempestivo da manifestação desses animais.

Falar de presságios que mantêm com acontecimentos futuros uma relação direta e de outros que se relacionam de modo inverso pode parecer, à primeira vista, manipulação do pesquisador em favor de idéias preconcebidas. No entanto, se a inversão é usada aqui como recurso de explicação, é porque ela ocorre no próprio nível dos dados etnográficos. Por exemplo, há um presságio Apinajé, segundo o qual sonhar com corrida de toras é sinal de que se vai levar um morto para o cemitério (MATTIA, 1971, p. 90). Ora, os Graós admitem que sonhar com corrida de toras é prenúncio de bom êxito na caçada. Assim, diante do mesmo sonho --- correr com toras, que é carregar peso para dentro da aldeia ---, o Graó o interpreta no sentido direto --- trazer um peso (caça) para dentro da aldeia --- e o Apinajé, no sentido inverso --- levar um peso (cadáver) para fora da aldeia. Esse exemplo nos conduz a outro, em que a inversão está menos evidente: para os Apinajés, sonhar com um velho é sinal de que se vai matar uma (MATTIA, 1971, p. 91); mas, para os Graós, significa que se vai matar tamanduá. Ambas as previsões são de bom sucesso na caçada, mas os animais são de classes que podem ser colocadas em oposição: uma (da possível classe dos Estranhos) e tamanduá (da possível classe das Raposas). Esta explicação possivelmente inverte a de Roberto da Matta que, comentando o presságio na sua forma Apinajé, relaciona diretamente uma com velho.

Uma vez que na discussão de certos presságios Apinajés comparei-os com presságios Graós, convém indicar outros exemplos conhecidos desses últimos, nos quais os animais sejam especificados. ^{(1978, p. 18).} Manuela Carneiro da Cunha/cita três, além de um outro que toma o peixe morto como sinal e que deixa de lado: a visão de uma jibóia viva prenuncia a morte de parentes; o grito de *txaktxaktí* ou de uma coruja atrás da casa ou a entrada desta última na mesma é sinal de que um de seus moradores morrerá. O-



ra, a jibóia e a coruja fazem parte, como já foi visto, da possível classe das Corujas. Quanto ao *twaktwaktí*, não sei de que animal se trata, mas foi descrito para a citada Autora como sendo "uma mucura que não fede". É curioso notar como no mito da mulher-estrela, na versão Pamkokamekhrã (NIMUPNEAJU, 1946, p. 245), um menino se transforma em velho por comer carne de mucura, enquanto que, para os Craôs, as primeiras carnes que um homem pode comer depois do nascimento de um filho são as de boi, anta, tamanduá-bandeira e tamanduá-mirim, pois, se comer de outras, ficará com cabelos brancos (logo, um velho precoce). Assim a mucura e, por semelhança, a "mucura que não fede" parecem ter algo a ver com os animais associados ao mastro. Minhas anotações junto aos Craôs registram também os gritos do acauã perto da aldeia como prenunciadores de febre, catarro e gripe, portanto, de perigo de vida. O acauã, como já foi visto, se inclui na possível classe das Corujas.

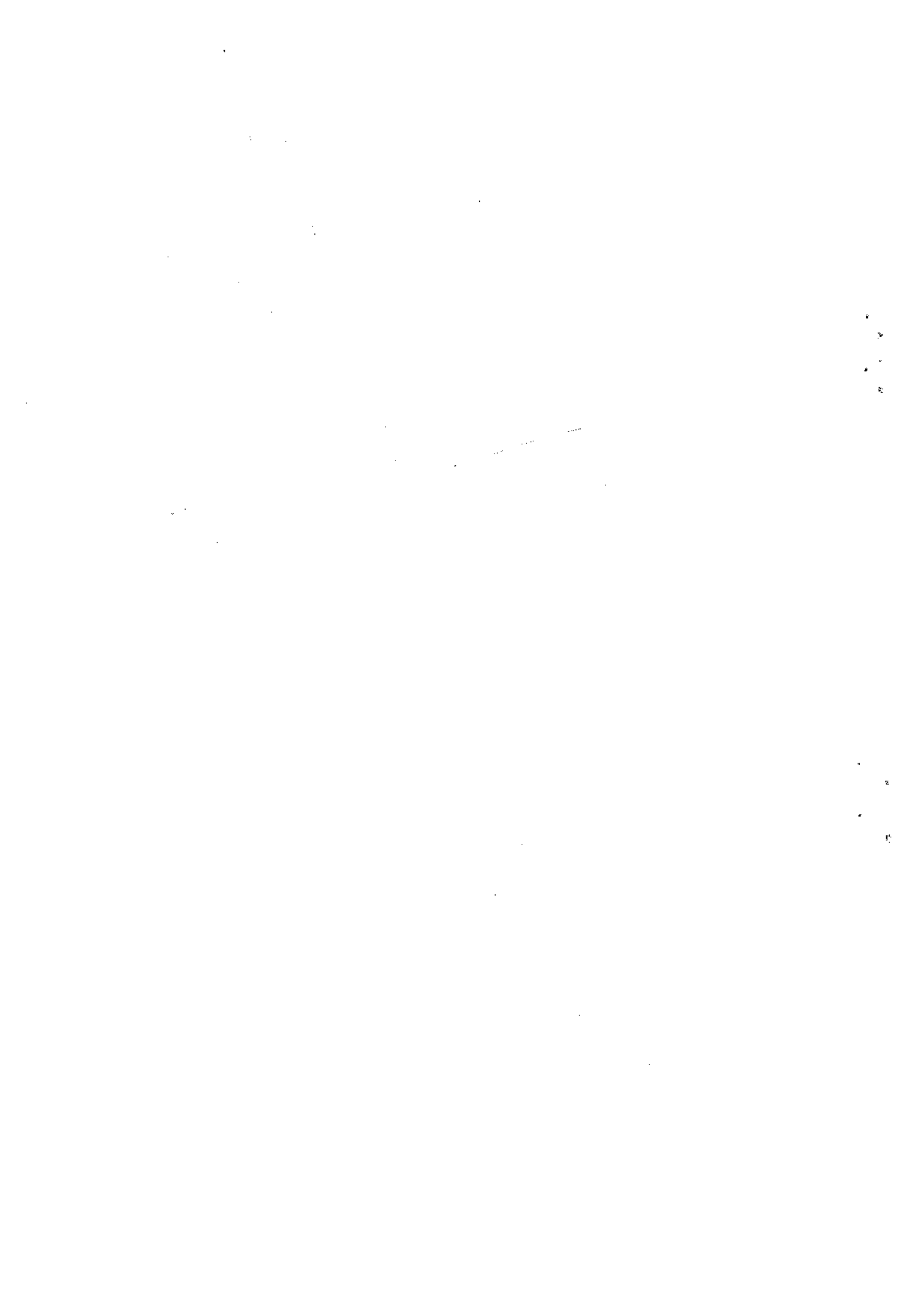
Enfim, os animais que anunciam a morte nos presságios Apinajés e Craôs são, na sua grande maioria, pertencentes às possíveis classes que formam a oposição Corujas/Bananas.

NECESSIDADE DE MAIS

PESQUISA DE CAMPO

Muito pouco se pode concluir de tudo o que foi dito. Parece ter ficado evidente que há uma classificação de personagens mítico-rituais e que esta se relaciona a uma de animais. Mas é impossível reconstituí-las com os dados disponíveis. Portanto, mais do que concluir, o que posso fazer é sugerir a pesquisa etnográfica sobre o tema entre os Timbiras.

Um trabalho de campo destinado a descobrir a classificação dos animais segundo os Timbiras, muito provavelmente se evidenciarão critérios como alados/quadrúpedes, de nasas/de nêlo, rápidos/vagaresos, noturnos/diurnos, vegetarianos/carnívoros, que comem cru/que comem cozido, da floresta/do campo etc. Mas não sei prever como todos esses critérios poderão se acomodar numa única classificação de arranjo ou se mais de u poderão ser descobertas. Por outro lado, deverá ser averiguada a existência de uma classificação dos indivíduos segundo suas relações com o grupo, o qual se apresenta sob várias formas:



como tribo, aldeia, grupo doméstico, parentes consanguíneos etc. Normalmente pelo menos dois grupos do mesmo nível estarão sempre em confronto, pois o indivíduo, se deixa um grupo doméstico, é para viver noutro; se deixa os vivos, é para estar entre os mortos; etc. Uma vez conseguida uma classificação de animais e obtida uma classificação de indivíduos segundo sua fidelidade ao grupo, poder-se-á chegar pela combinação das duas a uma classificação dos personagens mítico-rituais, ou seja, a partir de duas classificações de arranjo, procurar uma codificante, para usar a distinção muito bem clarificada por Taylor (1977).

Mas talvez as coisas sejam mais complexas e, ao se chegar a determinado nível, a classificação ultrapasse os limites da consciência dos membros das sociedades em questão. De qualquer modo, os resultados de um tal estudo contribuiriam para esclarecer mais os significados dos ritos Timbira.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO DA SILVA, Manuela

- 1978 - *Os mortos e os outros: uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krakó*. São Paulo: HUCITEC.

LAVE, Jean Carter

- 1967 - *Social taxonomy among the Krikati (Jê) of Central Brazil*. Cambridge: tese de doutoramento apresentada a Harvard University (mimeo.).

MATTA, Roberto de

- 1971 - "Les prézages Apinayé". In *Échanges et communications: mélanges offerts à Claude Lévi-Strauss à l'occasion de son 60ème anniversaire*. Org. por J. Pouillon e P. Maranda. Haie: Mouton.

MELATTI, Julio Cezar

- 1974 - *Reflexões sobre algumas narrativas Krakó*. Brasília: FUB, Trabalhos em Ciências Sociais, (Série Antropologia, 67.5).

- 1978 - *Ritos de uma tribo Timbira*. São Paulo: Ática.

NIMUENDAGU, Curt

- 1946 - *The Eastern Timbira*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press (University of California Publication in American Archaeology and Ethnology, 41).

- 1948 - "Os Apinayé". Belém: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, tomo 12, pp. iii-xiii e 1-146.

SCHULTZ, Harold

- 1950 - "Lendas dos índios Krakó". São Paulo: *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, vol 4, pp. 49-164.

TAYLOR, Kenneth, I.

- 1977 - "Sistemas de classificação e a ciência do concreto". *Anuário Antropológico/76*, pp. 121-148. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

